

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

Luiza Mendes Boareto

TORCEDORAS:
Um rádio documentário com elas.

Produto Jornalístico

Mariana
2019

Luiza Mendes Boareto

TORCEDORAS:

Um rádio documentário com elas.

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.
Prof. Felipe Viero Kolinski Machado

Mariana
2019

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B662t Boareto, Luiza Mendes .
Torcedoras [manuscrito]: um rádio documentário com elas. / Luiza
Mendes Boareto. - 2019.
63 f.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Rádios - História. 2. Futebol. 3. Torcedores desportivos. 4. Futebol -
Torcedores. 5. Esportes para mulheres. I. Machado, Felipe Viero Kolinski.
II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 654.19

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407

Luiza Mendes Boareto

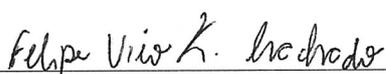
Curso de Jornalismo – UFOP

TORCEDORAS:

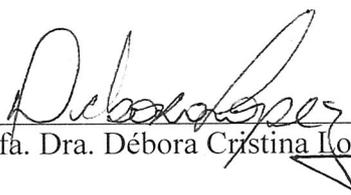
Um rádio documentário com elas

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado (orientador)



Profª. Dra. Débora Cristina Lopez



Profª. Mestra Luana Viana e Silva

Mariana, 17 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Fica difícil escrever um agradecimento. Sempre acho que posso esquecer alguém que é, ou foi, muito importante para minha vida e pro meu trabalho. Pessoas que eu sei que eu jamais esqueceria e que sou grata sempre, em todos os momentos, são as minhas famílias Mendes e Boareto.

Mãe e pai, eu não tenho palavras para expressar a importância de vocês na minha vida. Obrigada por sempre me apoiarem, me darem base, estrutura e força. Eu não conseguiria ser nada minha vida se não soubesse o quanto vocês me amam, mas acreditem, eu amo vocês muito mais. Lígia, obrigada por ser um exemplo do que eu quero ser quando crescer. Vó Manuel, um anjo que está no céu e que guia meu caminho todo dia, e vó Marlene, sem vocês na base da família, tudo seria mais difícil. Vó, obrigada por cada palavra e carinho quando preciso.

Não posso esquecer daqueles que sempre escutaram meus problemas com o desenvolvimento do trabalho. Alex, Cacat, Gabi e Lara, a ajuda de vocês foi fundamental por eu ter seguido em frente. Agradeço à Irllaya, que me acompanhou ao longo do ano inteiro de trabalho. Obrigada por cada palavra e todo abraço que não me fizeram desistir.

Quero agradecer, também, todos aqueles que colaboraram com o rádio documentário, seja com uma palavra de apoio ou por ter gravado algo que eu pedi. Sempre me lembrarei da ajuda quando eu precisei.

Por fim e não menos importante, um agradecimento à UFOP, pela oportunidade de crescimento e aprendizado ao longo dos anos de graduação, e ao Felipe, pela paciência, orientação e pelos ensinamentos!

“Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.

Escrevi acima que o torcedor não é um desarmado e provo. De fato, ele possui uma arma irresistível: — o palpite errado. Empunhando o palpite, dá cutiladas medonhas.”

Trecho da crônica “Narciso às avessas, que cospe na própria imagem”

RESUMO

O projeto experimental é um rádio documentário sobre e com mulheres torcedoras de futebol. O projeto busca apresentar a história do surgimento da palavra “torcedora”, e os motivos por elas terem se afastado das arquibancadas ao longo dos anos. O trabalho traz depoimentos de torcedoras que enfrentam os obstáculos que ainda existem para que uma mulher se legitime como torcedora, além, de discutir o porquê elas precisam dessa legitimação.

Palavras-chave: rádio documentário 1; futebol 2; torcida 3; torcedoras 4.

ABSTRACT

The experimental project is a radio documentary about and with women that are soccer fans. The project seeks to present the history of the meaning and root of the word "fan", and the reasons why they have moved away from the bleachers over the years. The paper brings fan's testimony who face the obstacles that still exist for a woman to legitimize herself as a fan, and to discuss why they need this legitimation.

Keywords: radio documentary 1; soccer 2; fans 3.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
2 - O MUNDO PARA DENTRO DE CASA	13
2.1 - UM FUTURO DO RÁDIO	16
3 – O ESCRETE É O BRASIL, E AS BRASILEIRAS	20
3.1 - FÃS. OU MELHOR: TORCEDORAS	22
3.2 - TORCIDAS – "comunidades imaginadas"	26
3.3 - MARIA - CHUTEIRA OU APENAS TORCEDORA?	29
4 - CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33
6 - ROTEIROS	35
TRANSCRIÇÕES E ENTREVISTAS	49

INTRODUÇÃO

Atualmente a luta feminina para provar que lugar de mulher é onde ela quiser está “invadindo” todos os ambientes. Uma onda feminista que amplia a voz e faz cada uma conquistar o seu devido lugar na sociedade mostra para o mundo o “girl power”. Poder que tem como importante pensadora Simone de Beauvoir que em 1958 já dizia “a arbitrariedade das ordens e das proibições com as quais me confrontava denunciava-lhes a inconsistência” (BEUAVOIR, 1958) criticando a opressão imposta sobre as mulheres daquela época, no livro "Memórias de uma moça bem comportada". Simone (1958) relembra que uma amiga querida morreu, aos 20 anos, por não aceitar casar-se, expondo toda uma lógica patriarcal e machista.

Ainda que sintonizando o rádio ou ligando a televisão perceba-se a presença feminina, seja comentando e informando sobre esportes ou então atuando como árbitras e jornalistas pelos gramados do mundo a fora, se constata, numericamente, uma maior presença masculina. Prova disso é a campanha intitulada #DeixaElaTrabalhar¹, assinada por 52 jornalistas esportivas, que discutiu sobre machismo. Lançada no dia 26 de março de 2018, pelas redes sociais, o intuito do movimento era denunciar casos de assédio, desrespeito e violência que as mulheres sofrem no exercício do jornalismo esportivo.

O crescimento da atuação feminina no meio futebolístico é prova da pequena inclusão que está acontecendo. Recentemente, tivemos a primeira mulher narradora de futebol. A Rádio Inconfidência em Minas Gerais, em sua editoria de esportes, escalou, no dia sete de novembro de 2017, Isabelly Moraes, 20 anos, para narrar o jogo entre América e ABC, pela 34ª rodada da Série B do Campeonato Brasileiro, no estádio Independência². Com o grande sucesso e repercussão do caso, os canais Fox Sports realizaram um processo seletivo para selecionar mulheres narradoras para jogos da Copa do Mundo FIFA 2018³, entrando para a história com

¹ #DEIXAELATRABALHAR. 2'41". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=omrrIFeCTLQ>>. Acesso em: junho de 2018.

² RÁDIO MINEIRA QUEBRA PARADGMAS E ESCALA NARRADORA PARA O JOGO DO AMÉRICA NA SÉRIE B. Hoje Em Dia. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/esportes/r%C3%A1dio-mineira-quebra-paradigmas-e-escala-narradora-para-o-jogo-do-am%C3%A9rica-na-s%C3%A9rie-b-1.572154>>. Acesso em: junho de 2018.

³ "NARRA QUEM SABE": FOX SPORTS MONTA TIME DE NARRADORAS PARA A COPA DA RÚSSIA. Huffpost Brasil. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/16/narra-quem-sabe-fox-sports-monta-time-de-narradoras-para-a-copa-da-russia_a_23387438/>. Acesso em: junho de 2018.

a primeira mulher a narrar o mundial. Isabelly, a vencedora do concurso, transmitiu a partida Rússia X Arábia Saudita, na abertura do campeonato⁴.

O mundial de 2018 quebrou paradigmas, também, entre as mulheres torcedoras. Proibidas de frequentarem estádios e eventos esportivos desde 1981, no Irã, iranianas viajaram até a Rússia para assistirem, pela primeira vez, uma partida das arquibancadas⁵. Nesse caso, vemos o futebol, também, como um lugar de luta pela liberdade para múltiplos sujeitos. No jogo realizado dia 20 de junho, entre Espanha e Irã, o número de mulheres presentes era grande, sendo possível notar a felicidade em estarem livres.

Essa ocupação feminina tornou-se assunto para diversos trabalhos acadêmicos, e, dentre as diversas relações que uma mulher pode ter com o futebol, alguns desses trabalhos analisam justamente a mulher exercendo o papel de torcedora. Ao buscar por termos como futebol e mulher, jogadoras de futebol, arbitras, torcedor e torcedora, no Banco de Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos cerca de 18498 referências para futebol e mulher; 2381 para jogadoras futebol; 5 para arbitras; 149 para torcedor e 12 para torcedora.

Dos 12 trabalhos descobertos com o termo “torcedora”, apenas dois abordam a questão da mulher torcedora e frequentadora de estádios de futebol. São eles “Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão”, de Priscila Augusta Ferreira Campos, mestrado em lazer na Universidade Federal De Minas Gerais, e “Sentidos que Norteiam a participação das Torcedoras nos Estádios de Futebol”, de Valdo Vieira, pelo programa de doutorado em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Priscila Campos (2010), em seu trabalho, pesquisou para conhecer o perfil sociológico das mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão, e a relação estabelecida por elas com o Clube e com o estádio. Após aplicar 443 formulários para traçar um perfil sociológico e entender tal relação, ela concluiu que a maioria das mulheres adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer e que a família, na maioria dos casos o pai, são os maiores influenciadores na escolha por torcer

⁴ JORNALISTA FAZ HISTÓRIA COMO 1ª MULHER A NARRAR A COPA. Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lance/jornalista-faz-historia-e-se-torna-a-1-mulher-a-narrar-um-jogo-de-copa,a26b1a66c1c640a6fb5679c4791954e52v84esgm.html>>. Acesso em: junho de 2018.

⁵MULHERES IRANIANAS VÃO AOS ESTÁDIOS DA COPA E VIBRAM COM “PRIMEIRA VEZ”. Globo Esporte. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/ira/noticia/mulheres-iranianas-vaos-aos-estadios-da-copa-e-vibram-com-primeira-vez.ghtml>>. Acesso em julho de 2018.

para o Cruzeiro. As análises ajudaram a provar a intensa ligação do gênero feminino com o esporte.

A tese defendida por Valdo Vieira (2010) se aproxima bastante com o que queremos expressar e contar. Em alguns capítulos de seu trabalho, ele traz historicamente a importância das torcedoras, além das jogadoras. Utilizando uma abordagem qualitativa e a análise do discurso, ele selecionou sete mulheres para responderem a uma entrevista semiestruturada, com o intuito de compreender e analisar a produção imaginária delas a respeito do ambiente do estádio. Concluindo que ser torcedora, nesse ambiente conhecido como “masculino”, é libertador.

A história da mulher brasileira como espectadora de partidas de futebol começou poucos anos depois que o esporte desembarcou no país. De acordo com Marcos Guterman (2014), em seu livro "O Futebol Explica o Brasil", em São Paulo, as arquibancadas do Velódromo onde eram disputadas as primeiras partidas oficiais estavam sempre lotadas de damas e cavalheiros. Além disso, em 1902, no primeiro campeonato paulista, as mulheres eram destaque entre os torcedores. Mas essa presença feminina acabou perdendo suas forças quando o esporte deixou de ser praticado somente pela elite. Atualmente, a mulher como-ser-que-torce, está voltando a ser mais significativo e presente, a partir do momento que as manifestações estão acontecendo em maiores quantidades desde as arquibancadas até a internet (GUTERMAN, 2014).

Prova disso é o movimento, criado em 2017, intitulado *Mulheres De Arquibancada - Resistência e Empoderamento*⁶, que teve o primeiro encontro nacional no dia 10 de junho de 2017⁷, no auditório do Museu do Futebol. O nome que se designa “da arquibancada” é para deixar implícito que o espaço pertence, também, às mulheres e que ninguém é uma intrusa. O evento, que contou com cerca de 350 mulheres representantes de 50 torcidas, de 11 estados brasileiros, surgiu a partir de um grupo na rede social, *Facebook*, e tem como intenção a participação das mulheres para combater o machismo disseminado no futebol, e ganharem o direito de torcerem livremente. Atualmente a página do movimento conta com 6.093 curtidas⁸.

⁶ 1 Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada. Museu do Futebol. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/evento/1-encontro-nacional-de-mulheres-de-arquibancada>>. Acesso em julho de 2018.

⁷ 1 Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada. Medium. Disponível em: <https://medium.com/o-contrataque/i-encontro-nacional-de-mulheres-de-arquibancada-66adab181ce4>. Acesso em julho de 2018.

⁸ MULHERES DE ARQUIBANCADA - RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mulherdebancada/>>. Dados do dia 03 de junho de 2018.

Aos poucos as torcedoras estão ganhando maior visibilidade e estimulando mudanças em empresas esportivas. Em passos lentos, quase engatinhando, é possível notar uma evolução em questão de artigos esportivos. A partir de uma pesquisa realizada pela Sophia Mind⁹, empresa de inteligência de mercado do grupo Bolsa de Mulher, sabe-se que 69% das mulheres compram produtos ligados ao futebol¹⁰, sendo 53% para consumo próprio e 65% reconhecem que falta no mercado produtos do mundo da bola para o público feminino. A análise foi feita com 2084 mulheres, entre 18 e 60 anos, das cinco regiões do país.

O estudo ainda mostrou que durante a Copa do Mundo ocorre um aumento do número de telespectadoras, em relação ao futebol nacional, já que 94% das mulheres assistem ao jogo da seleção e 30% assistem também partidas de outros países. Outro levantamento apresentado foi que 80% das mulheres torcem para alguma equipe de futebol e na hora de escolher o time, 42% afirmam que fizeram a opção por conta própria e 35% sofreram influência do pai (25%) ou da mãe (10%). Sobre a presença nos estádios, os homens são a maior parte do público, 74% das mulheres preferem assistir a jogos pela TV, sendo que 44% apontam a violência como o principal motivo dessa escolha.

Tornando-se um público apreciador e consumidor, foi visto que era necessário produtos específicos, sobre futebol e times de futebol, para o público feminino. Sabe-se que 7% dos sócios-torcedores do Brasil são mulheres. Em Minas Gerais, o Cruzeiro tem 13% de sócias e o Atlético 12%, e em São Paulo, a Sociedade Esportiva Palmeiras também possui 13% de sócias-torcedoras, segundo pesquisas realizada em 2016¹¹. Sendo assim, estão criando produtos e espaço para um público que sempre existiu, mas não era notado. Isso, comprova o poder desse grupo, que mesmo de forma virtual, colabora para a integração da mulher na esfera de torcedores.

Como mulher, para conseguir a legitimação e o reconhecimento como torcedora, é necessário enfrentar obstáculos para provar o interesse pelo jogo de futebol e, também, o conhecimento em seus aspectos táticos e técnicos, uma vez que ainda se diz muito que mulher

⁹ TORCEDORAS AINDA SÃO DESCONHECIDAS PELOS CLUBES DE FUTEBOL. O Tempo. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/superfc/torcedoras-ainda-s%C3%A3o-desconhecidas-pelos-clubes-de-futebol-1.1244097>>. Acesso em: junho de 2018.

¹⁰ TERESA, Levin. 69% DAS MULHERES COMPRAM PRODUTOS LIGADOS AO FUTEBOL. Propmark. Disponível em: <<http://propmark.com.br/mercado/69-das-mulheres-compram-produtos-ligados-ao-futebol>>. Acesso em: junho de 2018.

¹¹ INTER É O CLUBE COM MAIOR PERCENTUAL DE MULHERES ENTRE SÓCIOS-TORCEDORES. SporTV. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2016/10/inter-e-o-clube-com-maior-percentual-de-mulheres-entre-socios-torcedores.html>>. Acesso em: junho de 2018.

não entende de futebol. O esporte, por anos, foi e ainda é associado a "valores andriarcais" (DUNNING, 1927) ou seja, valores do macho, tradições de masculinidade, como a virilidade e a força bruta, então, a torcida acabou agregando para si gestuais, vocabulários e rituais que exaltavam essas características, transformando o "espaço torcida" em um lugar para disseminar a masculinidade.

Como já afirmava Da Matta (apud SOUZA 1996), política e futebol não eram assuntos que pudessem ser apreciados por mulheres de maneira significativa, porque “no brasil fala-se de dinheiro e de mulheres, mas se discute futebol e política” (p.136). É a partir desse cenário, portanto, que optamos pela produção de um documentário radiofônico com o intuito de levar ao público, de modo participativo, a discussão sobre a presença das mulheres nas arquibancadas dos estádios de futebol, demonstrando que mulheres entendem e gostam de futebol, que se emocionam com o esporte e que estão cada vez mais ligadas nessa paixão nacional.

Consistindo em uma produção jornalística, o rádio documentário engloba pesquisa teórica, análise de fatos reais, comentários de especialistas e de envolvidos nos casos, a fim de desenvolver uma investigação sobre o tema. A escolha de produzir para retratar algumas das principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres que amam futebol, consiste no fato do rádio ainda ser um meio de comunicação muito importante para os amantes do futebol. Edileuza Soares (1994) conta que em 1947, na Rádio Panamericana, já existia um Departamento de Esportes. A emissora contava com uma equipe de locutores, comentaristas e repórteres para realizar a cobertura diária dos eventos esportivos e para as transmissões ao vivo dos jogos. O rádio havia virado um porta-voz das emoções. Locutores acabam transmitindo emoção para o torcedor-ouvinte e, assim como disse Márcio Guerra (2002), cria uma relação de identidade com o ouvinte: uma relação entre público e narrador esportivo.

O objetivo central de nosso produto é trazer a voz das mulheres que não possuem medo em demonstrar o amor pelo seu clube de coração, colocando-as em papel de personagens para criar uma relação com os ouvintes e transmitir o conteúdo para um meio de comunicação tão fundamental para a história e popularização do esporte no país. Usar o poder de um rádio documentário para levar a história até o ouvinte, mostrando ao ouvinte que torcedoras existem, merecem estar nos estádios e nas mesas de bares de todo o Brasil falando sobre futebol. Sempre lembrando que futebol é uma paixão nacional não ligada ao gênero, assim como não é ligada à classe social ou religião.

A produção do documentário envolveu diversas etapas, tais como a elaboração de um roteiro. O roteiro, como diz Ferraretto (2010, p.), “não é uma obra acabada. Alterações, com certeza, vão surgir ao editar e finalizar o material”. Baseando-se em McLeish (2001), que aborda como necessários elementos como título; duração prevista; uma lista com as informações necessárias; esboço do conteúdo; pontos que serão explorados; entrevistados; fontes de referências; cronograma da produção, temos:

Título: Torcedoras: Um rádio documentário com elas.
Duração: 3 episódios de 20’
Entrevistados principais: Leda M. Costa (pesquisadora sobre o tema); torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube e torcedoras do Clube Atlético Mineiro.

Contamos, também, com personagens secundárias para costurar a história de cada uma com o famoso esporte. Elas foram importantes para ampliar os relatos sobre “ser uma torcedora”. Entramos em contato, também, com a Leda Maria da Costa, uma pesquisadora sobre futebol, a fim de que suas pesquisas sobre o tema também compusessem nosso material.

Para as torcedoras, as perguntas base foram: Quem é você (conte um pouco da sua história)?; Como e quando o amor pelo futebol surgiu/apareceu?; Para você, o que é ser torcedora?; Qual o maior desafio que enfrenta/enfrentou por ser torcedora?; Quais dificuldades em ser mulher torcedora?

2 - O MUNDO PARA DENTRO DE CASA

“Criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade”

(CALABRE, 2004)

Rádio, uma caixa de madeira que reunia dezenas de pessoas, familiares e amigos em volta, para ouvirem radionovelas, programas de auditórios e as rainhas do rádio. Uma cena clássica da década de 1920.

Uma novidade que se transformou em parte importante do cotidiano da época; Presente na maioria dos lares, era um meio de entretenimento e informação. Tornou-se acessível, no Brasil, na década de 1950, quando a televisão começou a ser lançada e valorizada. (CALABRE, 2004). Com um crescimento rápido, no anos 1960, a maioria dos programas de rádios, que faziam sucesso até então, se adequaram para o formato televisivo. Com as alterações na programação, o rádio passou por mudanças em sua programação: se afastando cada vez mais das produções que tanto fizeram sucesso nos “anos dourados” no Brasil.

Em suas pesquisas sobre o século XX, o historiador Eric Hobsbawm estabelece o rádio como “uma poderosa ferramenta de comunicação e integração entre os indivíduos” (APUD CALABRE, 2004). Isso se deve ao fato do rádio ser o primeiro meio de comunicação que falou, individualmente, com cada um. O ouvinte, era sensibilizado de forma particular, mesmo a mensagem sendo veiculada para milhares de pessoas ao mesmo tempo.

O rádio foi o início de uma revolução, uma maneira mais veloz e significativa para noticiar os acontecimentos. Como recebiam as mesmas informações para ficarem atualizados, a população se sentia mais integralizada e possuíam as mesmas fontes e questões para debaterem sobre os assuntos variados.

A primeira demonstração pública de um aparelho radiofônico, no Brasil, aconteceu em 1922. Durante a inauguração da exposição Nacional, que foi especialmente preparada para comemorar o Centenário da Independência Brasileira, o país queria mostrar para o mundo que era “prospero, saudável, desenvolvido, e, acima de tudo, moderno” (CALABRE, 2004), logo, utilizou da cerimonia para realizar a transmissão radiofônica causou toda a curiosidade que

poderia gerar para a Exposição Nacional. Na hora, os convidados escutaram o discurso de Epitácio Pessoa, o presidente da República na época, e trechos da ópera o Guarany, de Carlos Gomes, que, no mesmo instante, estava sendo apresentada no Teatro Municipal. Quando um grupo de intelectuais trouxe o rádio para o país, a ideia inicial era exatamente essa: elevar o nível de cultura no Brasil. O grupo formado por membros das Academias Brasileiras de Letras e da Academia Brasileira de Ciências, viam no equipamento uma saída para o que chamavam de “os males culturais do país”. (CALABRE, 2004)

A cada ano aumentava o número de emissoras, e o rádio ganhava fins comerciais. Na década de 1930, com as inovações tecnológicas e as novas legislações, as novas emissoras buscavam atrair um maior público, um público geral, assim, produziam programas mais populares para prender a atenção dos ouvintes. A popularização do rádio e da programação não agradava os intelectuais que viam o rádio como um veículo com fins educativos e propagador de cultura erudita. César Ladeira, em 1933, afirmou que o rádio estava conseguindo realizar sua finalidade de divertir as pessoas, e que não deviam manter o veículo exclusivamente como educativo: o rádio só alcançou o sucesso como um meio de entretenimento. No mesmo ano, Lamartine Babo escreveu e lançou um em homenagem às emissoras do Rio de Janeiro que existiam. A música chamava: “As cinco estações do ano”.

Na mesma época, o rádio era amado e odiado. Era possível encontrar os tipos de estereótipos: era um lugar marginalizado, proibido para o “cidadão de bem”, e, também, era o lugar da fama e da ascensão social. A camada popular da sociedade era a que mais desejava possuir os aparelhos e, quando não podiam ter seu próprio rádio, eles transformavam-se em “rádio-vizinho”. Era corriqueiro as famílias que possuíam um aparelho radiofônico compartilharem com os vizinhos para ouvirem partes das programações juntos.

As emissoras começaram a produzir para essa classe de ouvintes. Com uma programação cada vez mais atrativa e para as camadas populares, o gosto popular passou a ser ouvido e ser a principal inspiração para as produções. Uma via de mão dupla na relação rádio/sociedade (CALABRE, 2004). A audiência passou a ser medidor de sucesso e fator importante. Eram feitas promoções e distribuições de brindes para “medir” o volume de ouvintes, sem contar o monitoramento de correspondências recebidas. Se o público reagisse de forma negativa, o programa passava por mudanças, ou até saía fora do ar. Os ouvintes estavam cada vez mais exigentes.

Até a década de 1960, as estações de rádios do Brasil priorizavam programações que se baseavam em quatro núcleos: música, a dramaturgia, o jornalismo e os programas de variedades, mas o núcleo esportivo já existia. Na verdade, o primeiro setor organizado de uma emissora, no país, foi o da cobertura esportiva. Com início antes mesmo das redações de noticiários. Como dissemos, em 1947, a Rádio Panamericana já possuía um Departamento de Esportes, uma equipe formada por “locutores, comentaristas e repórteres para a cobertura diária dos eventos esportivos” (Soares, 1994, p. 59). Mas, o radiojornalismo esportivo não é apenas coberturas diárias sobre os eventos, ele envolve a transmissão, ao vivo, dos eventos.

Para cobrir um determinado evento esportivo, é necessário um conhecimento das legislações dos esportes, sobre os atletas, sobre os clubes e as entidades. O comentarista esportivo não é mais um locutor, mas aquele que cria ligação com o ouvinte. Diferente dos locutores de outros setores, o do esporte, passa a ser “porta-voz dos anseios desse ouvinte tão particular que não busca um distanciamento crítico do profissional do rádio” (Ferrareto, 2014). Ele cria uma espécie de relação de identidade entre o narrador esportivo e o público.

Identidade. É isso que muitos torcedores-ouvintes alegam para justificar a preferência por esse ou aquele locutor. A verdade é que o rádio, com todo o seu lado romântico e meio artesanal (principalmente aos olhos do leigo), viu a necessidade de lutar pela fatia do mercado publicitário, e as transmissões dos jogos passam a seguir critérios de marketing e estratégias que seguem os padrões de mercado. Por isso, as grandes emissoras do Rio de Janeiro trabalham com suas principais equipes nos jogos do Flamengo, vindo a seguir o Vasco e, depois, Botafogo e Fluminense (não necessariamente nessa ordem, se um deles tiver invertido de representantes do estado numa fase final de competição). Em São Paulo, Corinthians é o destaque, vindo a seguir Palmeiras, São Paulo e Santos. (Ferrareto, 2014).

Sabendo disso, o setor esportivo no rádio engloba mais de uma área, mais de um conhecimento e mais de uma plataforma. As narrações de jogos de futebol, pelo rádio, geram uma cultura do radinho. Mesmo quem está no estádio acaba levando um pequeno rádio para acompanhar o seu locutor.

Essa parceria entre rádio e estádio no começo não era bem vista. Nicolau Tuma, em 1931, era locutor na Rádio Educadora Paulista. Lá, teve a tarefa de transformar uma partida de futebol em um espetáculo radiofônico (GUERRA, 2002). A partida era entre as seleções de São Paulo e Paraná, pelo 8º Campeonato Brasileiro de Futebol. Tuma ficou conhecido como “speaker metralhadora”, pelo grande número de palavras que proferia por minuto. Na época, ele foi proibido de entrar em estádios já que, alguns cartolas, tinham medo de que suas narrações desestimulassem o público a pagar por ingressos (MADUREIRA, Paulo, 2015).

O rádio passou a fazer parte não apenas da transmissão da partida, mas ele foi, e ainda é, responsável por uma cobertura ampla. Ele tele transporta o ouvinte para o vestiário, para a lateral do gramado e para o banco de reservas. “O rádio constrói, portanto, um verdadeiro show em torno de outro show, este, entretanto, fora do alcance do ouvinte” (MADUREIRA, Paulo, 2015).

2.1 - UM FUTURO DO RÁDIO

Apesar da necessidade dos meios de comunicações entrarem para a era de transmídia e de convergência, nota-se a superioridade do rádio, principalmente quando o produto comercializado é o futebol. Recentemente, em um jogo da Copa do Munda da Rússia 2018, foi possível notar que “a emoção sempre chega antes pelo rádio”¹². Um senhor que estava acompanhando a partida pelo telão, junto com milhares de pessoas, e ao mesmo tempo escutando pelo rádio, recebe pelas ondas hertzianas, a emoção de que ocorrera o gol. “O rádio é projetado para estimular a emoção e o pensamento” (GAMBARO; VICENTE, 2016, p. 07).

A evolução do sistema radiofônico é algo incontestável. Com a potencialização da internet o antigo conceito sobre rádio, que era algo incontroverso, não é mais válido. A verdade que tantos pesquisadores explicavam e formalizavam em livros de comunicações foi alterada. Como: “Meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas” (FERRARETO, 2007, p. 23). Com a mudança na forma de distribuição dos conteúdos e na transmissão do produto, podendo ser em tempo real ou espalhadas pela internet, informações como essas, baseadas na tecnologia, acabaram perdendo a veracidade.

O rádio está presente em todo o país, concentrando sua maior audiência nas capitais e nas cidades médias das regiões Sul e Sudeste. Uma pesquisa de 2014 revelou que 61% dos brasileiros possuem o hábito de ouvir rádio regularmente. Segundo Kischinhevsky (2016) 92,63% disseram que a música ainda é o maior atrativo das emissoras (apud KIELING, 2010, p. 197-198). Esses dados levam em conta apenas o consumo em ondas hertzianas, não há pesquisas que levantem os hábitos de escuta do rádio nas plataformas digitais.

Atualmente, o rádio possui uma grande pluralidade, que acontece por conta de vários fatores: o modo de processamento dos sinais, podendo ser analógico ou digital; a intenção da

¹² Disponível em: <https://twitter.com/exilado/status/1013838169375215618> Acesso em: setembro de 2018

emissora que pode variar entre comercial, comunitária, pública ou educativa, fazendo assim, mudar o conteúdo dos áudios podendo ser cultura, jornalismo, musical, popular e etc.

Precisando, então, passar por uma mudança de conceituação por não ser mais apenas uma transmissão por ondas de hertz, no século XXI, o rádio recebeu diferentes explicações. Uma abordagem mais específica, pensando na linguagem e assimilando-o como um meio de criação cultural. Visto isso, Luiz Artur Ferraretto e Marcelo Kischinhevsky (2010) definiram:

“Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, entretenimento, musicais, educativos e publicitários. Sua origem, no início do século 20, confunde-se com a de, pelo menos, outras duas formas de comunicação baseadas no uso de ondas eletromagnéticas, para transmissão da voz humana a distância, sem a utilização de uma conexão material: a radiotelefonia, sucessora da telefonia com fios, e a radiocomunicação, essencial para a troca de informações, de início, entre navios e destes com estações em terra ou, no caso de forças militares, no campo de batalha. [...] De início, suportes não hertzianos como web rádios ou podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala) a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está veiculada.” (FERRARETTO, 2014, p. 18)

Usado pela primeira vez no artigo "Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras", o termo "rádio expandido" foi apresentado em 2011, no Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em comunicação (COMPOS), isso porque o rádio mudou, mas sem mudar a sua essência. Marcelo Kischinhevsky (2016) explica que: sem deixar de ser hertziano e de transmissão unilateral, o meio expande-se para outros suportes e inclui, de forma aceleradamente crescente, o público como protagonismo das irradiações. Basicamente, o rádio está diferente, mas suas características básicas continuam as mesmas e, ainda para Kischinhevsky, está ultrapassando o eletromagnético e espalhando para os celulares, as televisões, site, portais e redes sociais. “Radio expandido, demarcação, de uma nova reinvenção do meio.” (FERRARETTO, 2016).

Antes, preocupados só com o nível de audiência, radialistas sabiam que entre 18h e 19h, horário em que as grandes cidades estão com tráfegos, era o período em que se havia maior índice de audiência. Hoje, sabe-se que o meio está em sua fase de convergência, não ficando mais presos em ouvintes, locutores devem prestar atenção em dados como: quantos ouvintes curtiram, comentaram e compartilharam as coisas no Twitter, ou quantas pessoas acompanham os programas pelo Twitter, ou quantas pessoas baixaram seus programas e seu aplicativo para escutarem.

Toda essa tecnologia fez com que, nos anos 90, o rádio reinventa-se e entrasse na sua fase da convergência. A grande convergência midiática mostrou, mais uma vez, o poder de reação do meio radiofônico. Ampliando seus canais de distribuição, com a ajuda da internet, e tornando-se um meio de comunicação expandido, que ultrapassa as ondas hertzianas e agrega as mídias sociais e a telefonia móvel. As redes sociais online se tornaram o espaço estratégico para a circulação dos conteúdos. A rápida expansão da internet amplia as formas de consumo, de produção e distribuição do áudio, deixando o mercado mais competitivo e melhorando a qualidade dos conteúdos.

Ágil e sem inventar moda, Kischinhevsky (2016) conta que o rádio não tenta criar estruturas para as mídias sociais, ele usufrui da internet a oportunidade de divulgar e expandir seus áudios. Potencializando a circulação, o rádio em comparação com as outras mídias, como TV e impresso, tem a grande vantagem em ser uma base sonora, permitindo que quem consuma realize outras atividades simultâneas enquanto escuta.

O rádio documentário é um formato radiofônico híbrido que vai além dos temas dos noticiários. Com o propósito de informar e contar história de uma forma aprofundada, para desenvolvê-lo, é necessário realizar uma grande pesquisa sobre o assunto que será abordado assim, a duração de um rádio documentário é de longa duração. Eduardo Vicente é um pesquisador que não concorda com a classificação de gênero e formatos radiofônicos que o rádio possui, por mais que entenda que a classificação forneça mais condições para um melhor entendimento didático das diversas opções de produções que o rádio oferece.

Se compararmos o documentário com uma grande reportagem, ou uma reportagem especial, as diferenças seriam o tempo de cada produto e a complexidade de discussão sobre o tema. Segundo Ferraretto (2014), José Javier Muñoz e César Gil (apud 1990, p. 69) explicaram as diferenças como: (1) nos documentários, há abundância de depoimentos, mais longos e com maior espontaneidade do que nas reportagens; (2) a menor duração das reportagens obriga uma edição comprimida a reduzir a naturalidade da fala; (3) sem a pressão dos prazos, comum no caso das reportagens, o tempo de produção e realização pode se expandir; (4) nesse contexto, o documentário, ao contrário da grande reportagem ou da reportagem especial, conforma-se como um “programa em si mesmo”.

Em uma entrevista para Daniel Gambaro e Eduardo Vicente, em maio de 2016, David King Dunaway disse que para ele o documentário radiofônico representava essencialmente uma investigação sobre a realidade, e que o documentarista precisava escolher entre o ver 'de fora'

ou o 'de dentro. Assim, chegou à conclusão de que o rádio documentário possui quatro elementos:

“Fatural: trechos de entrevistas, materiais captados; Continuidade: a narração, a "cola" que sustenta o trabalho; Som: podendo ser o natural ou os efeitos sonoros gravados; Música: para explicar (com as palavras), para mover (por meio das melodias), para enfatizar, criar o clima, ou mesmo ser usada como texto, com letras que carregam tempo e significado específicos.” (GAMBARO, Daniel e VICENTE, Eduardo, 2016, p. 12)

Para se realizar um documentário existem diferentes estilos e diversos elementos para documentar. Dunaway conta que os premiados documentários europeus tendem a ter um envolvimento em primeira pessoa, e não tanto em terceira pessoa, e prezam pelos ambientes sonoros pouco convencionais, trazendo um maior desafio para o produto. Acabam sendo reflexivos e apresentando não apenas o que está fora, mas como a pessoa está em relação ao que está do lado de fora. É necessário buscar um ponto de vista sobre o mundo.

“O documentarista tenta provocar uma variedade de emoções e respostas, uma lista que seria necessariamente longa. Podemos entender isso como modos e retórica. Podemos começar pela narração, contar uma história; a exposição, isto é, a apresentação dos fatos; a exortação, que significa ressaltar uma análise social, talvez algo que não tenha sido notado ou tentado anteriormente; e a agitação, que representa a “chamada para a ação”. (GAMBARO, Daniel e VICENTE, Eduardo, p. 12, 2016)

Sabe-se, também, que existem outras formas de retórica para construir uma conexão, como a empatia: que se baseia no som, entre o real, o ouvinte e o mundo; pathos: o sentimento de tristeza levando em consideração as coisas pelas quais ficamos tristes; bathos: que é o caminho belo para o ridículo, reconhecendo a natureza cósmica da realidade com a observação das mudanças que acontecem; ethos: aquele que permite compreender as conexões com distintos mundos ao nosso redor.

3 – O ESCRETE É O BRASIL, E AS BRASILEIRAS

O futebol, esporte conhecido como paixão nacional, desde sua origem é predominantemente praticado pelo sexo masculino e associado a "valores andriarcas" (DUNNING, 1927). Uma construção social criada repleta de ideias de que não era um espaço feminino e nem para as classes mais baixas da sociedade. Mas essa proibição de mulheres no âmbito futebolístico, se dava para que as damas não praticassem o esporte. Na década de 40, o futebol já estava disseminado pelo país. As camadas populares já estavam inclusas no esporte, mas o Brasil passou por um retrocesso em relação à presença feminina. Foram criadas leis que as proibiam de praticarem esportes. Por quase aproximadamente 40 anos, de 1941 a 1979, se as mulheres fossem vistas praticando o esporte, poderiam ser levadas para a delegacia. Motivo? Era apontado incompatibilidade com a “natureza feminina” a prática de alguns esportes pelas mulheres.

O Art. 54, do decreto da lei 3.199 do Conselho Nacional de Desportos (CND)¹³, de 14 de abril de 1941 dizia que: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” A justificativa para tal proibição foi um fundamento científico. Silvana Goellner, pesquisadora de gênero e educação física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conta que, na época, houve um parecer médico que concluía que o espaço das mulheres era o da fragilidade e da maternidade, ou seja, a missão de toda a mulher na época era ser a mãe do futuro da pátria¹⁴

No jornal Diário de Notícias Esportivo, do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1941 encontramos uma nota que dizia: "Afirma-se que a 2ª delegacia auxiliar está decidida a acabar de vez com o futebol feminino. Para isso, serão fechados todos os clubes dessa especialidade. Está aí uma notícia magnífica. O futebol feminino, como esporte, é desaconselhável e, como passatempo, perigoso e nocivo". Esse decreto vigorou até 1979.

¹³ <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>

¹⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41714934>, acesso em setembro de 2018.

Figura 1: Notícia de jornal que falava sobre o futebol feminino.



Foto: Arquivo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Para derrubar a exclusão feminina foi necessário que as mulheres lutassem pela inclusão e, assim, poderem escrever história no mundo do esporte. O Governo do presidente Getúlio Vargas limitava a prática do esporte feminino. Durante a ditadura militar, o CND delimitou a linha que segregava o esporte feminino brasileiro: "Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball", dizia a deliberação nº 7 do conselho. A proibição da prática de esportes deixou muitas consequências, o que fez com que o Brasil sofresse um atraso em relação as Olimpíadas. Mesmo quando o decreto deixou de vigorar, as famílias não permitiam que as meninas praticassem o futebol, ou outras modalidades, justificando que a filha não era "macho" então, ela não ia praticar esporte, não ia praticar o futebol, porque isso era coisa para menino. Com a conquista de espaço, as mulheres começaram a ganhar liberdade para ingressarem aos campos, mas sempre acompanhado de preconceitos, como acontece até hoje.

"O esporte não é somente o exercício físico entendido como jogo, nem sequer já como espetáculo catalisador de paixões e rivalidades, é um produto de consumo, um meio fantástico de publicidade, e por que não dizer um grande negócio e um instrumento de poder e de influência social." (apud REIS, Heloisa Helena Baldy dos. 2006)

Mesmo com o decreto-lei em vigor, existem notícias de mulheres praticando esportes durante a ditadura.¹⁵ Um exemplo de um ato contra a lei é do Araguari Atlético Clube, que é considerado o primeiro clube do Brasil a formar um time de futebol feminino. Por volta de 1958, o clube selecionou 26 meninas para participarem de um jogo beneficente para ajudar na reforma do Grupo Escolar Visconde de Ouro Preto, em Araguari, Minas Gerais. A montagem do time partiu do Ney Montes, diretor do Araguari Atlético Clube, que anunciou a peneira para o time na rádio onde trabalhava de comentarista esportivo. Garotas entre 12 e 17 anos foram chamadas, treinadas e acompanhadas pela Equipe Técnica do time oficial masculino.

A primeira partida foi um sucesso.¹⁶ Realizada em 19 de dezembro de 1959, a aceitação foi tanta que a revista “O Cruzeiro”, fez matéria de capa sobre o acontecimento com o título “Glamour usa chuteiras”. Visto que não era comum partidas de futebol feminino fora de circos ou quadras de futsal, a divulgação na revista fez com que, nos meses seguintes, o time de Araguari viajasse por Belo Horizonte, Goiânia e Salvador para realizarem partidas. Mas, dez meses depois, a equipe foi obrigada a se desfazer por conta da pressão de religiosos de Minas Gerais.

3.1 - FÃS. OU MELHOR: TORCEDORAS

“Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir a uma partida de bolapé. As senhoras que assistem merecem então todo o nosso respeito. Elas se entusiasmam de tal modo que esquecem todas as conveniências. São chamadas de “torcedoras e o que é mais apreciável nelas é o vocabulário” BARRETO, Lima

As regras do jogo desembarcaram no Brasil no final do século XIX, com um sotaque muito britânico sendo um dos principais influenciadores do futebol no país foi Charles Miller. Quando o esporte chegou da Inglaterra, algumas pessoas se incomodavam com o fato dos termos serem em inglês. Havia quem quisesse transformar o "foot-ball" em bolapé, ou ludopédio. Mas essa ideia não pegou. Até o final dos anos 1930, os jornalistas escreviam “goal”,

¹⁵ <http://globoesporte.globo.com/mg/triangulo-mineiro/olimpiadas/noticia/2016/08/pioneiras-do-esporte-proibido-historias-do-inicio-do-futebol-feminino-no-brasil.html> acesso em maio de 2019.

¹⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2011/06/928856-primeiro-time-feminino-brasileiro-e-reativado-em-minas.shtml> acesso em maio de 2019.

“penalty”, e chamavam por “referee”, “match” e “captain” o que hoje é árbitro, partida e técnico.

Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada parecia-me todo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez e voltar aos meus doces tempos de “significado”. Eram só backs, forwards, kick, cornes; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado. ¹⁸ BARRETO, Lima (1918)

Mesmo com leis e proibições, a presença feminina no futebol sempre esteve ligada, no Brasil, de várias formas, tanto nos bastidores, como jogadoras amadoras ou nas arquibancadas. Até porque, antes de existir a torcida, existiam as torcedoras de futebol. O vocabulário utilizado nos jogos encontrou uma forma mais brasileira, mas “torcer” não é correspondente com “cheer on”, que a princípio significa alegrar, e nem com “fan”, abreviatura de “fanatics” ou “supporter” que significa suporte em português, que são os termos em inglês para torcedores. Além disso, nos anos 1900, as cheerleaders¹⁹ acompanhavam os jogos de uma maneira bem diferente das nossas torcedoras.

Nos primórdios do esporte no Brasil, a torcida era formada por pessoas educadas, já que o esporte, até então, era alimentado pela alta sociedade endinheirada. Para praticar o futebol, era preciso importar os materiais diretamente da Inglaterra, e o preço para trazê-los era alto o suficiente para apenas a elite jogar. Em pesquisas realizadas na Hemeroteca digital²⁰, encontramos jornais e revistas que provam a elitização do esporte e a valorização da presença feminina nas arquibancadas.

Agora, vamos explicar um pouco da palavra “torcedor”. Quando o futebol começou a mostrar uma aproximação com o português, foi possível observar, já em 1906, o uso da palavra “torcedora” em revistas e jornais. No dicionário Aurélio de Português Online, o verbo “torcer” significa:

Torcer. Do latim vulgo torcere, por torquere. Verbo transitivo direto 1. Obrigar a se volver sobre si mesmo ou em espiral: Torcer um pano molhado. 2. Dobrar, vergar, entortar; torcer um ferro 3. Deslocar, desarticular, desconjuntar: torcer o tornozelo. 4. Alterar, desvirtuar, distorcer: torceu o sentido das minhas palavras. 5. Corromper, perverter, adulterar. 6. Fazer mudar de rumo ou de tenção; desviar: este acontecimento torcerá o meu destino. 7. Fazer ceder; sujeitar, vencer: Os bons argumentos o torceram. 8. Encurvar, encaracolar: torcer um arame. T. d. e. i. 9. levar, induzir (para qualquer coisa): Torceu as palavras amigas a um sentido de ironia. T. c. 10. Desviar-se, afastar-se, aparta-

¹⁸ Parte da crônica “Sobre o football”. Originalmente publicada no jornal “Brás Cubas”, 15 de agosto de 1918

¹⁹ A primeira aparição foi no ano de 1898, com o intuito de animar uma partida de futebol americano, quando, o estudante Johnny Campbell, pegou um megafone e iniciou o que seria como uma primeira manifestação de uma torcida organizada, “organized cheer”.

²⁰ <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

se: A palavra, com o tempo, torceu da sua significação. 11. Bras. Simpatizar com um clube esportivo: Torcer pelo Flamengo. 12. Bras. Incentivar os jogadores de um clube esportivo, gritando, gesticulando, etc.: Torceu para seu clube até o último minuto. 13. Inclinar-se, pender, dobrar-se, verga-se: Com a ventania, a árvore torceu para a direita. Int. 14. Dar voltas. 15. Mudar de direção. 16. Desistir de um plano. 17. Submeter-se, sujeitar-se. 18. Bras. Gritar e gesticular (o espectador de uma partida esportiva para animar os jogadores de sua simpatia. 19. Acompanhar a ação de outrem por simpatia e desejo de que ele saia bem. P. 20. Dobrar-se, vergar-se, inclinar-se: Os ramos da frágil árvore torcem-se ao vento. 21. Deixar-se seduzir ou peitar. 22. Render-se, ceder: Torceu à tentação da riqueza. 23. Anuir, assentir. 24. Contrair-se pelo desespero ou pela dor. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1993)

Pelo mundo, encontramos diversas outras palavras, cada uma com um significado diferente, mas todas com a função de representar as sensações das pessoas em relação com o futebol: felicidade, raiva, ansiedade e amor. Na Rússia, eles utilizam a palavra “baliechik”, ela é derivada de “bolet”, que significa ficar doente. Em italiano, temos a palavra “tifoso”, uma referência a febre tifoide e seu delírio febril. No Uruguai, os amantes dos esportes são os “hinchas”. O nome surgiu porque Prudêncio e mais um grupo de pessoas inflavam balões durante os jogos de futebol, assim, eram os “hinchas”, palavra que significa infladores. O termo se popularizou na América Latina. Já na Espanha, os “aficionados” que demonstram todo seu amor pelo esporte e, na Alemanha, os “unterstutzer”. Para os árabes, os torcedores são conhecidos por serem pessoas que encorajam os outros, os “mashjie, palavra derivada de “shjia”, que significa coragem²².

E por que alguém que ama futebol é conhecido, no Brasil, como torcedor? Muitos historiadores e jornalistas acreditam que o termo “torcer” apareceu no futebol brasileiro para referenciar o modo como as moças das boas famílias agiam nos eventos. O termo ganhou popularidade dentro do futebol (e depois em outras modalidades) quando crônicas esportivas do século 20 destacavam as moças que, nervosas com as partidas, torciam lenços nas arquibancadas brasileiras. Assim, o simples gesto daquelas “torcedoras de lenços”, que resolveram abraçar o esporte desde o início, serve hoje para denominar todos aqueles que apoiam um time de futebol.

“Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão “torcer”. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos

²² <https://globoplay.globo.com/v/6857970/>, acesso em outubro de 2018

aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes.” (CAPELLANO, 1999: p. 28-29).

O escritor, cronista e dirigente do Fluminense, Coelho Netto, apaixonado pelo *Fluminense Football Club*, do Rio de Janeiro, também reparava que as moças que iam ao Estádio das Laranjeiras para assistir as partidas do clube tricolor tinham o hábito de torcer os lenços e as luvas de renda que carregavam consigo, quando estavam nervosas e tensas com o Tricolor partindo em direção ao gol. Por conta disso, em uma de suas crônicas denominou-as como “torcedoras”, algo que depois passou a ampliar, chamando todas as pessoas que estavam no estádio como “torcedores”.

Na época em que começou a surgir o termo “torcedora” o futebol, e todos os outros esportes de sucesso no país, proporcionavam as mulheres a chance de se apresentarem e aparecem em público. Vindos de fora, os esportes trouxeram modos, hábitos e costumes que acabaram sendo considerados modernos e, então, adotados pela elite local. Não podendo praticar, as meninas frequentavam as arquibancadas dos jogos para manifestar uma proximidade com o modelo contemporâneo de feminidade. Se o futebol trouxe a oportunidade das mulheres em se propagandear em locais públicos, a presença das senhoritas da alta sociedade transforma-o em um meio aristocrático, relacionando-o à elegância, tranquilidade e leveza, dessa forma, um esporte das famílias nobres.

“As jovens moças – descritas pelo cronista como ‘o elemento frágil da série humana’ – eram, portanto, parte ativa da consolidação do jogo por entre esses círculos elegantes, contribuindo decisivamente para sua transformação em evento social da moda” (Pereira, 2000, p. 76).

Na década de 1920, algumas peças de teatro recebiam títulos incluindo o termo “torcedoras”. Isso mostra a inclusão da figura, e do termo, no dia-a-dia. Luiz Iglesias e M. Paradella, em 1927, escreveram a peça “As Torcedoras”, onde o jogo de futebol era usado para representar as relações entre seres da mesma família que se agiam como adversários. A peça se dá início com a personagem Margarida solicitando ao pai para deixa-la ir ao jogo entre Flamengo X Vasco. Pedido que não foi aceito já que, a madrasta da menina, havia a colocado de castigo. Enfurecidas com a participação da madrasta na vida delas, Margarida e sua irmã, Rosa, junto com o empregado Marvino, montam uma armadilha para que a madrasta traia o marido. Durante a execução do plano, Margarida, Rosa e seus maridos ficam espiando Marvino oferecer-se a madrasta, enquanto agem como torcedores, na expectativa de

que a esposa do pai caia nos encantos do empregado. Mesmo que no início da peça fala-se sobre o jogo entre Flamengo X Vasco, a palavra torcedora acaba sendo usada para representar o desejo das irmãs em "vencerem" a madrasta. (COSTA, 2006)

Em outra peça intitulada "A torcedora do Vasco", escrita por Antonio Quintilino, em 1921, a história é diferente. O esporte que a peça apresenta é o remo, não o futebol, e é notável a apresentação de um novo perfil feminino. A personagem não é apresentada como uma donzela desprotegida que sonha com um casamento, ou uma senhora subordinada ao marido, mas sim uma mulher forte que não cansa de repetir: "Que marido maricas! ". Sofia, a personagem, é quem manda na casa e no marido e, diferente das esposas da época, ela não é prendada e, também, não cuida do marido, Sofia "só cuida de regatas! " Sua principal atividade é ir à praia e torcer para a equipe de remo do Vasco da Gama. Vemos em Sofia, um traço da mulher moderna. (COSTA, 2006)

“Mesmo que com estilo cômico e excessivo, trabalha ficcionalmente um fenômeno perceptível no cotidiano daquela época e que diz respeito ao surgimento de novos modelos de mulher a partir da sua relação com o esporte. ” (COSTA, 2006 p. 5.)

Mas, sabe-se também que, de acordo com o livro “Cabeça-de-bagre- termos, expressões e gírias do futebol, a palavra torcedor”, escrito por Ari Riboldi, a palavra vem do latim, do verbo “torquere”, que tem o significado original de torcer desvirtuar, distorcer, adulterar, tornar, virar, torturar e atormentar.

3.2 - TORCIDAS – "comunidades imaginadas"

“Torcida. [de torcer + ida] 1. Brasil. Alto ou efeito de torcer. 2. Brasil. Coletividade de adeptos de um clube esportivo; grupo de torcedores; galera.” (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1993, p. 1690)

As primeiras partidas oficiais de futebol, na cidade de São Paulo, ocorreram no Velódromo. As arquibancadas estavam sempre cheias de cavalheiros, de senhoras e senhoritas. O primeiro campeonato paulista foi disputado em 1902 e, as mulheres, eram destaques entre os torcedores que lotavam as arquibancadas para assistir ao “belo *sport* inglês”. Mas, em 1904, em

um jogo entre São Paulo Athletic e Germânia, o futebol começou a trilhar caminhos "mal-educados".

Figura 2. Torcedoras elegantes no Velódromo, em 1914.



Fonte: revista "A vida Moderna" – Arquivo público do Estado de São Paulo

Na história do futebol, acredita-se que a presença feminina nas arquibancadas diminuiu principalmente por conta da popularização do esporte e a grande participação das camadas menos abastadas (BRUHNS, 2000). A atuação popular no futebol fez a "pelada" perder sua nobreza, assim muitas mulheres acabaram sendo desestimuladas, ou mesmo proibidas, de assistirem aos jogos dos estádios. Na época de 1940, quando passam a ser criadas as "torcidas organizadas, "o pertencimento clubístico e a paixão devotada ao time de coração passam a ser peças principais na composição identitária do torcedor. " (COSTA, 2000). O esporte era uma forma de exaltar "atributos masculinos de potência, virilidade" (Toledo, 65, 1996) com todos os gestos, vocabulários e rituais das torcidas.

Durante os Anos Dourados, a presença feminina ainda era bem menor, mas, algumas mulheres, ganharam visibilidade por possuírem o mesmo sentimento de paixão pela equipe que era encontrado nos homens torcedores. Tendo amor incondicional ao clube e sendo torcedor-

símbolo, foi na década de 50 que Elisa Alves do Nascimento, que nasceu em 1910, se destacava entre os torcedores. Dona Elisa ganhou o prêmio de torcedora símbolo do Sport Club Corinthians Paulista.²³ Outra mulher que marcava presença no cenário futebolístico foi Dulce Rosalina, que em 1956, foi a primeira mulher líder de uma torcida organizada no país.²⁴ Fanática pelo seu time Clube de Regatas Vasco da Gama, em 1961, ela ganhou o concurso de melhor torcedor do país e deu ao time do coração como presente. Leda conta que, mesmo com a popularidade de algumas torcedoras, nas décadas seguintes o ambiente esportivo ainda era predominante masculino. Acredita-se que a diminuição da presença feminina era ainda mais decrescente, nos anos 80, por conta do crescimento da violência que as organizadas praticavam. (apud LEVER. 1995, p. 13). Mas a autora Leda Maria da Costa (2007) diz que está cada vez mais comum, entre as mulheres, serem o “ser que torce” das arquibancadas dos estádios ou nos espaços virtuais. Então, o termo “futebol é coisa de homem” está muito em baixa.

“Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados.” (COSTA, Leda Maria da, 2007, p. 22)

Em uma crônica publicada no jornal Folha de S. P., em 2014, Xico Sá escreve sobre mais mulheres nos estádios. Ele diz que aumentar a presença feminina “além de suavizar o ambiente macho, a participação feminina poderia reduzir a violência”. Em sua análise, percebemos o que sofre uma dama nesse ambiente:

“Quando a mulher não está acompanhada do marido ou namorado, nossa mãe, as agressões remetem aos marmanjossauros de caverna. Short curto, mesmo no purgatório da beleza e do caos de um verão carioca, é risco de vida. Ao ponto de blogs sobre comportamento feminino aconselharem trajes quase clericais às torcedoras que vão a campo”.

Por comentários assim, que a presença feminina nas arquibancadas ainda é pequena. Ao longo das últimas décadas foi possível ver um aumento, mas ainda existem vários obstáculos

²³ CORINTHIANS REINAUGURA MEMORIAL EM HOMENAGEM A DONA ELISA. Meu Timão. Disponível em:

<https://www.meutimao.com.br/noticia/206288/corinthians_reinaugura_memorial_em_homenagem_a_dona_elisa>. Acesso em julho de 2018.

²⁴ RELEMBRE A HISTÓRIA DE DULCE ROSALINA, 1ª MULHER LÍDER DE UMA TORCIDA ORGANIZADA NO BRASIL. Casaca. Disponível em: <<https://casaca.com.br/site/2016/03/09/relembre-historia-de-dulce-rozalina-1a-mulher-lider-de-uma-torcida-organizada-no-brasil/>>. Acesso em julho de 2018.

que surgiram e que dificultam a inserção da mulher. Não só a inserção, mas, principalmente para a legitimação das mulheres como torcedoras neste lugar repleto de características que exaltam a masculinidade. Uma demonstração dessa exaltação está nas expressões pejorativas que geralmente são usadas: jogar de salto alto; Jogar como mulherzinha; Maria-chuteira etc.

3.3 - MARIA - CHUTEIRA OU APENAS TORCEDORA?

A ideia de que mulher e futebol jogam em campos diferentes sempre fez com que seja necessário muito mais do que o "gostar do esporte" para que ganhem o reconhecimento como torcedoras. É preciso ir contra todas as representações e estereótipos. O conceito de que damas não possuem conhecimento nas regras de futebol é um tema recorrente em campanhas publicitárias e programas esportivos que, em período de Copa do Mundo, acabam sendo temas de vários programas e peças de marketings. A indústria acredita que em Copa, mulheres se interessam pelo esporte porque a Seleção joga, porque é uma festa internacional, e não porque gostam do esporte.

Claro que o público feminino não é formado, apenas, por quem está interessada no futebol. A grande diferença com o masculino é que elas possuem mais liberdade para assumirem seus interesses, por exemplo, nos jogadores. Indubitavelmente, o aumento da presença de moças e senhoras no campo faz com que essas afirmações sejam postas em xeque para não serem generalizadas: nem todas as mulheres só assistem e gostam de futebol por conta dos atletas.

Essa luta por legitimidade que, normalmente as torcedoras precisam enfrentar, é uma espécie de busca por legitimação que tem a intenção de separar as torcedoras “autênticas” das famosas “marias-chuteira”. E um texto publicado na página da facção Dragões da Real, torcida organizada do São Paulo Sport Clube, a facção feminina estabelece essa diferença como:

Marias chuteiras’. Era assim rotulada a presença feminina nos estádios brasileiros pelos mais machistas. Se referiam desta forma às mulheres que iam aos estádios não para torcer, mas para ver seus ídolos. Podemos dizer que esta visão sobre a presença feminina já quase não existe, embora as “Marias chuteiras” continuem existindo, hoje são absoluta minoria nos estádios. Logo foi percebida a presença das verdadeiras torcedoras em grandes clássicos em caravanas para outros estados e até outros países, presença esta que não podia ser ignorada” (apud. COSTA, Leda, 2006)

Antes, usado para identificar todas as torcedoras em geral, as meninas da torcida organizada do São Paulo trazem o termo “maria-chuteira” para mostrar a diferenciação que

existe dentre as mulheres que acompanham os jogos de futebol. O termo, passa a designar, apenas, uma camada específica do público feminino, aquela camada de mulheres que dão menos importância às questões técnicas do esporte. Essa diferença entre as torcedoras cria uma oposição entre as esferas do ver e a do torcer. Ver, representa um contato superficial onde, o importante é o impacto da imagem – jogador. Torcer, apresenta um ato, como SALIENTA Roberto DaMatta: “eu admiro com os olhos e vejo com a mente, mas, para torcer, sou obrigado a usar meu corpo: minhas mãos, minhas pernas, minha boca e todo meu corpo” (DAMATTA, 2006, p.113)

4 - CONCLUSÃO

Futebol é uma paixão nacional não ligada ao gênero, assim como não é ligada à classe social ou religião e, sabendo que nós, mulheres, que somos a razão de no Brasil os fãs de esportes, aqueles que empolgam os times, serem chamados de torcedores, nada mais justo do que sermos reconhecidas e respeitadas nos estádios.

O trabalho realizado ao longo dos anos de 2018 e 2019, foi fruto da necessidade de ouvir, dar voz e descobrir quem são as mulheres que gostam de futebol. No país, não é da nossa cultura as meninas acompanharem seus pais aos jogos e muito menos jogarem futebol durante a infância e, essa ideia, é a que precisamos mudar.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, notamos que todas as torcedoras sofrem ou sofreram com os mesmos problemas por exemplo, o da necessidade de terem que se legitimar como torcedoras. Não apenas as entrevistadas para o projeto, mas com todas com a qual conversávamos em busca de informações relevantes e importantes.

Trazer essa discussão sobre lugar de mulher para um meio de comunicação popular, como o rádio, é aproximar as mulheres que são torcedoras sozinhas em seus clubes. É mostrar que ela não está só. Apesar do assunto futebol ser popular no Brasil e no mundo, a quantidade de pesquisas sobre mulheres em torcidas ainda é baixa, o que mostrou ser uma pequena dificuldade na hora de buscar referências. Muitos falam sobre torcedores, homens, homens e mulheres, mas a abordagem em questão de gênero ainda é pequena. Por outro lado, algo que me deixou muito feliz ao realizar o documentário, foi o fato de conhecer dezenas de torcedoras. Torcedoras que amam e entendem futebol e torcedoras que amam seus clubes.

Essa é mais uma discussão que trouxemos e gostamos sempre de lembrar: ser torcedora é se identificar com algo, é gostar e amar o time, e não saber a escalação que foi em campo em 1955 ou o time titular na última temporada. Esse fato sempre foi lembrado pelas entrevistadas. Todas as mulheres são questionadas quanto ao seu grau de torcedora, algo que com os homens não costuma acontecer. Precisamos parar de questionar outras mulheres torcedoras. É preciso que todas se apoiem ao fato de torcerem, sem querer provar quem sabe mais sobre o esporte ou sobre o clube.

Outro fato muito importante percebido é que, em muitos casos, as filhas torcem para um determinado time por conta do pai mas, esse mesmo pai, proíbe, não leva ou não gosta que a filha vá ao estádio porque não é lugar para meninas. Sabemos que essa atitude é muito pelo fato do local passar a ideia de ser um lugar perigoso, um amplo de cultura machista e brigas de

torcidas. De fato, durante os anos 90, era. Atualmente, alguns estádios viraram arenas super modernas e a segurança é assunto primordial para manter a fama boa.

Para a trilha sonora, trouxemos músicas mais instrumentais e, a única que possui vozes, não queríamos que demonstrasse ser uma voz masculina mas que, ainda assim, tivesse ligação com o esporte. A escolhida foi a música que o Trio Esperança compôs, “Replay”. Formado pelos irmãos Mário, Regina e Evinha, o grupo lançou a música em 1974 inspirada nas cobranças de falta que o Paulo César Caju realizava com a camisa do Flamengo. Mesmo não sendo muito conhecida, o refrão, com certeza muitos já escutaram, ele diz: “é gol, que felicidade!”.

A ideia é provar a todos que futebol também é lugar para mulher. Neste ano, com cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino sendo feita mundialmente pela primeira vez, podemos mostrar um pouco que futebol não é um esporte de homem e que nós também sabemos jogar. Um grande passo para continuarmos conquistando nosso espaço.

O rádio documentário feito é para dar forças às outras mulheres e não deixar elas desistirem de gostar do futebol. Quando um homem é perguntado por qual time ele torce, a resposta é curta, sem questionamentos já, se uma mulher diz que gosta de futebol e que torce para tal time, ela sempre é questionada sobre algo da história do clube ou sobre regras do esporte.

O trabalho realizado é uma pequena parte da luta identitária que mulheres sofrem quando o assunto é futebol. Com ele, espero levar confiança, força e vontade para todas as mulheres torcedoras que existem por aí. Atualmente, as meninas já possuem mais identificações do que as mulheres e isso, é muito bom. Uma criança vai ver que existem movimentos femininos no futebol, verá uma arquibancada com mulheres e uma linha de frente de torcida com mais diversidade, o que a fará se identificar e não ter medo de demonstrar todo seu amor pelo esporte.

Não podemos mais aceitar isso!

REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane e TÁRCIA, Lorena. **Convergência e Transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo**. SBPjor, 2012.

BRUNHS, Heloísa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000. Cap.3.

CALABRE, Lia. **A era do rádio – 2.ed – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004**

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão.** 01/03/2010 130 f. Mestrado em LAZER Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/548>>. Acesso em julho de 2018

CAPPELLANO, Renata. **O torcedor de futebol e a imprensa especializada**. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

COSTA, Leda Maria da. **Marias-Chuteiras X Torcedoras “Autênticas”. Identidade Feminina E Futebol**. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. Disponível em:<<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2017/02/torcedorasleda-maria-da-costa.pdf>> Acesso em julho 2017.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco. 2006.

DUNNING, Eric/ MAGUIRRE, Joseph. **As relações entre os sexos no esporte. Revista de estudos feministas**. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 321- 48, v.5, no 2, 1997.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio - O veículo, a história e a técnica**. 3. ed. Porto Alegre: Doravante. 2007.

_____. e KISCHINHEVSKY Marcelo. **Enciclopédia Intercom de Comunicação, v. 1**, 2010, p. 1.009-10).

_____. **Rádio: teoria e prática** / Luiz Artur Ferrareto. - São Paulo: Summus, 2014. Recurso digital: il.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª edição – Editora Nova Fronteira, 1993.

GAMBARO, Daniel; VICENTE, Eduardo. **Entrevista com David King Dunaway: o documentário radiofônico**. Novos Olhares, v. 6, n. 1, p. 7-19, 2017.

GUERRA, Marcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol**. Juiz de Fora: Etc., 2002.

GUTERMAN. Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, - **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação** / Marcelo Kischinhevsky. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

MADUREIRA, Paulo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cartografando a narração esportiva radiofônica – Um panorama preliminar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 06, n. 02, pp. 195-218, jul./dez. 2015.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania. **Uma história social do futebol no rio de Janeiro, 1902-1938**. RJ: Nova Fronteira, 2000.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê. 2006

RIBOLDI, ARI. **Cabeça-de-bagre : termos, expressões e gírias do futebol**. Editora AGE Ltda. 2008

SOARES, Edileuza. **A bola no ar, o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e Raça: A Nação Construída Pelo Futebol Brasileiro. Cadernos Pagu (6-7)1996.

VICENTE, Eduardo. **Gêneros e formatos radiofônicos**. Educomrádio. Centro Oeste. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/61.pdf>>. Acesso em junho de 2018.

VIEIRA, Valdo. **Sentidos que Norteiam a participação das Torcedoras nos Estádios de Futebol'** 01/03/2010 208 f. Doutorado em Psicologia Social, Instituição de Ensino: Uiversidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4998>. Acesso em julho de 2018.

6 - ROTEIROS

Roteiro do programa “Torcedoras”

01

Duração: 25min

TÉCNICA	LOCUÇÃO
Vinheta de abertura do programa	
<p>BG</p> <p>Sobe BG</p>	<p>FALA, GALERA// MUITO BEM-VINDAS AO PRIMEIRO PROGRAMA DA SÉRIE TORCEDORAS// A PARTIR DE AGORA/ VAMOS CONTAR UM POUCO SOBRE MULHER/ ESTÁDIO E FUTEBOL//</p> <p>DEPOIS DE UM LONGO PERÍODO DE PESQUISAS/ DESCOBRIMOS AS VERDADES/ OS MITOS E AS HISTÓRIAS QUE EXISTEM NA CRIAÇÃO DA PALAVRA TORCEDORA/ O PORQUÊ DOS ESTÁDIOS SEREM UM AMBIENTE TÃO MACHISTA E AINDA NÃO ACEITAREM QUE LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER/ INCLUSIVE/ NUMA ARQUIBANCADA E MUITO MAIS//</p> <p>ASSIMMMM/ NOSSA SÉRIE DE TRES EPISÓDIOS DO “TORCEDORAS” VAI DAR VOZ PARA ALGUMAS MULHERES QUE NÃO PERDEM UM JOGO DO SEU TIME DO CORACÃO SENDO ELES O ATLÉTICO MINEIRO E O CRUZEIRO// DA CIDADE DE BELO HORIZONTE</p>

<p>BG - da vinheta (final da música)</p>	<p>ENTÃO/ SÓ PARA COMEÇAR/ VOCÊ SABE A ORIGEM DA PALAVRA “TROCEDORA”?</p>
<p>Vinheta um pouco de história</p>	<p>UM POUCO DE HISTÓRIA</p> <p>O FUTEBOL DESEMBARCOU NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO VINTE E COM UM SOTAQUE MUITO BRITÂNICO DO CHARLES MILLER// NÃO SÓ O SOTAQUE ERA INGLÊS/ MAS/ AS PALAVRAS USADAS DURANTE AS PARTIDAS TAMBEM ERAM// ALGUMAS PESSOAS SE INCOMODAVAM COM ESSE FATO E TINHAM AQUELES QUE QUERIAM TRANSFORMAR O "FOOT-BALL" EM BOLAPÉ/ OU LUDOPÉDIO// MAS AINDA BEM QUE ESSA IDEIA NÃO PEGOU//</p> <p>ENQUANTO ISSO/ NAS ARQUIBANCADAS/ ANTES DE EXISTIR A TORCIDA, EXISTIAM AS TORCEDORAS DE FUTEBOL. AS PRIMEIRAS PARTIDAS OFICIAIS DA CIDADE DE SÃO PAULO FORAM REALIZADOS NO VELÓDROMO// E O PRIMEIRO CAMPEONATO PAULISTA FOI DISPUTADO EM 1902// AS ARQUIBANCADAS DOS JOGOS ESTAVAM SEMPRE CHEIAS DE CAVALHEIROS, DE SENHORAS E SENHORITAS. OS ESTÁDIO ERAM LOTADOS DE PESSOAS EDUCADAS E ELEGANTES//</p> <p>O ESPORTE, ATÉ ENTÃO, ERA ALIMENTADO PELA ALTA SOCIEDADE ENDINHEIRADA// PARA PRATICAR ERA PRECISO IMPORTAR TODO O MATERIAL DA INGLATERRA/ O QUE DEIXAVA A PRÁTICA DO FUTEBOL ALGO MUITO CARO//</p>

<p>BG</p> <p>Sobe som. Vinheta</p>	<p>SE/ DENTRO DO CAMPO APENAS OS HOMENS RICOS JOGAVAM FORA DAS QUATRO LINHAS/ SÓ A ELITE ASSISTIA// AS MULHERES, ERAM DESTAQUES ENTRE OS TORCEDORES QUE LOTAVAM AS ARQUIBANCADAS PARA ASSISTIR AO “BELO <i>SPORT</i> INGLÊS”//</p> <p>ACREDITA-SE QUE A PRESENÇA FEMININA NAS ARQUIBANCADAS DIMINUIU PRINCIPALMENTE POR CONTA DA POPULARIZAÇÃO DO ESPORTE E A GRANDE PARTICIPAÇÃO DAS CAMADAS MENOS RICAS// A ATUAÇÃO POPULAR NO FUTEBOL FEZ A “PELADA” PERDER SUA NOBREZA E ASSIM/ MUITAS MULHERES ACABARAM SENDO DESESTIMULADAS/ OU MESMO PROIBIDAS/ DE ASSISTIREM AOS JOGOS NOS ESTÁDIOS//</p> <p>MAS/ POR QUE ALGUÉM QUE AMA FUTEBOL É CONHECIDO/ NO BRASIL/ COMO TORCEDOR?</p> <p>BOM/ QUANDO O FUTEBOL COMEÇOU A MOSTRAR UMA APROXIMAÇÃO COM A LINGUA PORTUGUESA/ FOI POSSÍVEL OBSERVAR/ LÁ PELOS ANOS DE 1906, O USO DA PALAVRA “TORCEDORA” EM REVISTAS E JORNAIS//</p> <p>E É ISSO QUE ALGUNS PESQUISADORES EXPLICAM/ QUE AS MULHERES QUE CONSAGRARAM A EXPRESSÃO “TORCER”// BOM/ MAS ISSO NO PRÓXIMO EPISÓDIO A GENTE TERMINA DE EXPLICAR DIREITINHO//</p>
<p>Locutora</p>	<p>PRA CONTAR UM POUCO MAIS SOBRE O QUE É SER TORCEDORA/ ENTREVISTAMOS A LEDA MARIA DA COSTA// LEDA É DOUTORA EM LITERATURA COMPARADA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO/ E POSSUI</p>

	<p>DIVERSAS PESQUISAS SOBRE ESTUDOS QUE RELACIONAM ÀS QUESTÕES DE GÊNERO NO ESPORTE/ HISTÓRIA DO ESPORTE E PRÁTICAS CORPORAIS COMO/ POR EXEMPLO/ O FUTEBOL FEMININO E AS REPRESENTAÇÕES DAS TORCEDORAS NA HISTÓRIA DO FUTEBOL//</p>
<p>Entrevista com a pesquisadora</p> <p>Sobe BG</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a importância em debater esse assunto (mulher como torcedora e frequentadora de estádio) e trazê-lo para a mídia? - Por que decidiu ser pesquisadora na área de futebol? - O que você acha sobre a “divisão” entre mairias-chuteiras e “torcedoras comuns? Por que uma mulher tem que provar que entende de futebol para se legitimar como uma verdadeira torcedora? - O que pode ser feito para diminuir o machismo dentro do estádio? - Para você, o que é poder frequentar os estádios? Qual sentimentos eles te passam? - Qual foi a maior dificuldade enfrentada por ser mulher, amar o futebol e frequentar estádios?
<p>Locutora</p>	<p>UMA MULHER TER MEDO E SER DEENCORAJADA A FREQUENTAR UM ESTÁDIO DE FUTEBOL É A COISA MAIS COMUM/</p> <p>AO CONTRÁRIO DISSO/ NO INÍCIO DO ESPORTE NO BRASIL/ O FUTEBOL/ E TODOS OS OUTROS ESPORTES DE SUCESSO NO PAÍS/ PROPORCIONAVAM AS MULHERES A CHANCE DE SE APRESENTAREM E APARECEM EM PÚBLICO//</p> <p>COMO VIERAM DE FORA/ OS ESPORTES TROUXERAM MODOS, HÁBITOS E COSTUMES QUE ERAM CONSIDERADOS MODERNOS E/ ASSIM/ FORAM ADOTADOS PELA ELITE// E COMO NÃO PODIAM PRATICAR/ AS MENINAS FREQUENTAVAM AS ARQUIBANCADAS DOS JOGOS</p>

<p>Sobe som</p>	<p>PARA MANIFESTAR UMA PROXIMIDADE COM O MODELO CONTEMPORÂNEO DE FEMINIDADE.</p> <p>LOGO/ SE O FUTEBOL TROUXE A OPORTUNIDADE DAS MULHERES SE APRESENTAREM EM LOCAIS PÚBLICOS/ A PRESENÇA DAS SENHORITAS DA ALTA SOCIEDADE TRANSFORMAVA OS JOGOS EM UM AMBIENTE ARISTOCRÁTICO/ UM LUGAR ELEGANTE E TRANQUILO/ UM ESPORTE DAS FAMÍLIAS NOBRES//</p>
<p>Locutora</p>	<p>PARA FINALIZAR NOSSO PRIMEIRO PROGRAMA/ CRISTINA MENDES VAI COMPARTILHAR COM A GENTE/ UMA PARTE DA CRONICA “UMA PARTIDA DE FUTEBOL/ PUBLICADA EM 1919 E ESCRITO POR LIMA BARRETO/ NELA/ PERCEBEMOS COMO A PRESENÇA DAS MULHERES ERAM VALORIZADAS//</p>
<p>Áudio gravado por uma mulher:</p> <p>Sobe som</p> <p>Vinheta de encerramento</p>	<p>“NÃO HÁ, PORTANTO, NOS NOSSOS HÁBITOS, FATO MAIS AGRADÁVEL DO QUE ASSISTIR A UMA PARTIDA DE BOLAPÉ. AS SENHORAS QUE ASSISTEM MERECEM ENTÃO TODO O NOSSO RESPEITO. ELAS SE ENTUSIASMAM DE TAL MODO QUE ESQUECEM TODAS AS CONVENIÊNCIAS. SÃO CHAMADAS DE “TORCEDORAS E O QUE É MAIS APRECIÁVEL NELAS É O VOCABULÁRIO”</p>

Roteiro do programa “Torcedoras”

02

Duração: 25min

TÉCNICA	PRODUÇÃO
<p align="center">Vinheta de abertura do programa</p>	<p><i>“Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.</i></p>
<p align="center">BG</p> <p align="center">Sobe som</p>	<p>OLÁ// ESTAMOS DE VOLTA COM MAIS UM “TORCEDORAS// HOJE/ VAMOS CONTAR O PORQUÊ/ NO BRASIL/ USARMOS A PALAVRA TORCER PARA NO SENTIDO QUE A GENTE FALA MESMO: DE INCENTIVAR/ GOSTAR/ BEM/ TORCER NÉ// VAMOS/ TAMBEM/ CONHECER MULHERES QUE APREDERAM A IGNORAR OS PRECONCEITOS E FREQUENTAM OS ESTÁDIOS PARA FICAREM LADO A LADO DO SEUS TIMES DO CORAÇÃO//</p>
<p align="center">Vinheta um pouco de história</p>	<p>“TORCER/ DE ACORDO COM O DICIONÁRIO AURÉLIO DE PORTUGUÊS, VEM DO LATIM/ TORCERE TORQUERE. QUE SIGNIFICA DOBRAR, VERGAR, ENTORTAR; TORCER UM FERRO MAS NO BRASIL,</p>

PODE SER TAMBEM AQUELE QUE SIMPATIZA COM UM CLUBE ESPORTIVO POR EXEMPLO: TORCER PELO FLAMENGO. OU PODE SER USADO PARA INCENTIVAR OS JOGADORES DE UM CLUBE ESPORTIVO, GRITANDO, GESTICULANDO UM EXEMPLO: ELE TORCEU PARA SEU CLUBE ATÉ O ÚLTIMO MINUTO

PELO MUNDO/ ENCONTRAMOS DIVERSAS OUTRAS PALAVRAS/ CADA UMA COM UM SIGNIFICADO DIFERENTE/ MAS TODAS COM A FUNÇÃO DE REPRESENTAR AS SENSACIONES DAS PESSOAS EM RELAÇÃO COM O FUTEBOL/ FELICIDADE/ RAIVA/ ANSIEDADE E AMOR//

NA RÚSSIA/ ELES UTILIZAM A PALAVRA “BALIECHIK”, ELA É DERIVADA DE “BOLET”/ QUE SIGNIFICA FICAR DOENTE//

EM ITALIANO/ TEMOS A PALAVRA “TIFOSO”/ UMA REFERÊNCIA A FEBRE TIFOIDE E SEU DELÍRIO FEBRIL//

NO URUGUAI/ OS AMANTES DOS ESPORTES SÃO OS “HINCHAS”// O NOME SURTIU PORQUE PRUDÊNCIO E MAIS UM GRUPO DE PESSOAS INFLAVAM BALÕES DURANTE OS JOGOS DE FUTEBOL/ ASSIM/ ERAM OS “HINCHAS”/ PALAVRA QUE SIGNIFICA INFLADORES//

O TERMO SE POPULARIZOU NA AMÉRICA LATINA// JÁ NA ESPANHA/ OS “AFICIONADOS” QUE DEMONSTRAM TODO SEU AMOR PELO ESPORTE E/ NA ALEMANHA/ OS “UNTERSTUTZER”// PARA OS ÁRABES/ OS TORCEDORES SÃO CONHECIDOS POR SEREM PESSOAS QUE ENCORAJAM OS OUTROS/ OS “MASHJIE/

Sobe Som	<p>PALAVRA DERIVADA DE “SHJIA”/ QUE SIGNIFICA CORAGEM//</p> <p>E POR QUE ALGUÉM QUE AMA FUTEBOL É CONHECIDO/ NO BRASIL/ COMO TORCEDOR?</p> <p>MUITOS HISTORIADORES E JORNALISTAS ACREDITAM QUE O TERMO “TORCER” APARECEU NO FUTEBOL BRASILEIRO PARA REFERENCIAR O MODO COMO AS MOÇAS DAS BOAS FAMÍLIAS AGIAM NOS EVENTOS//</p> <p>O TERMO GANHOU POPULARIDADE DENTRO DO FUTEBOL E DEPOIS EM OUTRAS MODALIDADES QUANDO CRÔNICAS ESPORTIVAS DO SÉCULO 20 COMEÇARAM A FALAR SOBRE AS MOÇAS//</p> <p>COMO NÃO FICAVA BEM PARA UMA DAMA SE DESCABELAR, GRITAR/ CHORAR, COM SEU TIME DE CORAÇÃO/ ELAS/ NERVOSAS COM AS PARTIDAS/ TORCIAM LENÇOS NAS ARQUIBANCADAS BRASILEIRAS//</p> <p>ASSIM/ O SIMPLES GESTO DAQUELAS “TORCEDORAS DE LENÇOS”/ QUE RESOLVERAM ABRAÇAR O ESPORTE DESDE O INÍCIO/ SERVE HOJE PARA DENOMINAR TODOS AQUELES QUE APOIAM UM TIME DE FUTEBOL//</p>
Vinheta Replay da esperança	<p>PARA CONHECER QUEM SÃO AS ATUAIS MULHERES QUE NOS REPRESENTAM PELOS ESTÁDIOS AFORA/</p>

	HOJE VAMOS CONHECER DUAS TORCEDORAS DO CLUBE ATLETICO MINEIRO/ DE BELO HORIZONTE//
Entrevista Clube Atlético Mineiro	
	<p>TODO MUNDO SABE QUE FUTEBOL NÃO É SÓ UM ESPORTE. ELE ENVOLVE MUITAS EMOÇÕES E É UMA TENDENCIA MUNDIAL QUE DEVE ACOLHER HOMENS E MULHERES// SE AS MULHERES ANTIGAMENTE NÃO PODIAM SE EMOCIONAR/ ELAS TINHAM QUE SÓ TORCER MESMO NÉ?//</p> <p>ATÉ COELHO NETTO/ ESCRITOR, CRONISTA E DIRIGENTE DE FUTEBOL/ APAIXONADO PELO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB, DO RIO DE JANEIRO, ERA OUTRO QUE PERCEBIA QUE AS MOÇAS QUE IAM AO ESTÁDIO DAS LARANJEIRAS TINHAM O HÁBITO DE TORCER OS LENÇOS E AS LUVAS DE RENDA QUANDO ESTAVAM NERVOSAS E TENSAS COM O TRICOLOR PARTINDO EM DIREÇÃO AO GOL// POR CONTA DISSO/ EM UMA DE SUAS CRÔNICAS CHAMOU ESSAS MULHERES DE “TORCEDORAS”/ ALGO QUE DEPOIS PASSOU A AMPLIAR, CHAMANDO TODAS AS PESSOAS QUE ESTAVAM NO ESTÁDIO COMO “TORCEDORES”.</p> <p>E ASSIM/ NÓS/ MULHERES/ QUE CONSAGRAMOS A EXPRESSÃO “TORCER” JÁ QUE NÃO PODÍAMOS NOS DESCABELAR, GRITAR E CHORAR DURANTE AS PARTIDAS//</p>

	<p>BOM/ SE NÓS FOMOS AS PRIMEIRAS TORCEDORAS DE FUTEBOL// POR QUE DIZEM QUE AS ARQUIBANCADAS NÃO SÃO MAIS LUGARES PARA MULHERES?</p> <p>ISSO/ VAMOS DESCOBRIR NO PRÓXIMO EPISÓDIO DE TORCEDORAS// ATÉ MAIS E OBRIGADA PELA AUDIÊNCIA</p>
--	--

Roteiro do programa “Torcedoras”

03

Duração: 20min

TÉCNICA	LOCUÇÃO
<p>Vinheta de abertura do programa</p> <p>BG</p> <p>Sobe Som</p>	<p>BEM-VINDOS AO ÚLTIMO TORCEDORAS//</p> <p>JÁ SABEM POR QUE DIZEM QUE ESTÁDIO NÃO É LUGAR DE MULHER MESMO TODOS OS AMANTES DE ESPORTES SEREM CONHECIDOS COMO TORCEDORES POR CONTA DE NÓS/ MULHERES?//</p>
<p>Vinheta de um pouco de história</p>	

O FUTEBOL/ ESPORTE CONHECIDO COMO PAIXÃO NACIONAL/ DESDE SUA ORIGEM É PREDOMINANTEMENTE PRATICADO PELO SEXO MASCULINO E ASSOCIADO A CULTURA MASCULINA// É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL CRIADA REPLETA DE IDEIAS DE QUE NÃO ERA UM ESPAÇO FEMININO E NEM PARA AS CLASSES MAIS BAIXAS DA SOCIEDADE// MAS ESSA PROIBIÇÃO DE MULHERES NO MUNDO FUTEBOLÍSTICO/ SE DAVA PARA QUE AS DAMAS NÃO PRATICASSEM O ESPORTE//

NA DÉCADA DE 40/ O FUTEBOL JÁ ESTAVA DISSEMINADO PELO BRASIL// AS CAMADAS POPULARES JÁ ESTAVAM INCLUSAS NO ESPORTE/ MAS O BRASIL PASSOU POR UM OUTRO GRANDE RETROCESSO EM RELAÇÃO À PRESENÇA FEMININA. FORAM CRIADAS LEIS QUE PROIBIAM DE PRATICAREM ESPORTES// POR QUASE APROXIMADAMENTE 40 ANOS/ DE 1941 A 1979/ SE AS MULHERES FOSSEM VISTAS PRATICANDO O ESPORTE/ PODERIAM SER LEVADAS PARA A DELEGACIA// MOTIVO? ERA APONTADO INCOMPATIBILIDADE COM A “NATUREZA FEMININA” A PRÁTICA DE ALGUNS ESPORTES PELAS MULHERES//

O ART. 54, DO DECRETO DA LEI 3.199 DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS (CND)²⁵, DE 14 DE ABRIL DE 1941 DIZIA QUE:

“ÀS MULHERES NÃO SE PERMITIRÁ A PRÁTICA DE DESPORTOS INCOMPATÍVEIS COM AS CONDIÇÕES DE SUA NATUREZA/ DEVENDO/ PARA ESTE EFEITO/ O

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS BAIXAR AS NECESSÁRIAS INSTRUÇÕES ÀS ENTIDADES DESPORTIVAS DO PAÍS.”

JÁ NA HISTÓRIA DO FUTEBOL/ SABEMOS QUE A PRESENÇA FEMININA NAS ARQUIBANCADAS DIMINUIU MUITO POR CONTA DA POPULARIZAÇÃO DO ESPORTE E A GRANDE PARTICIPAÇÃO DOS DESAFORTUNADOS// A ATUAÇÃO POPULAR NO FUTEBOL FEZ A “PELADA” PERDER SUA NOBREZA/ ASSIM/ MUITAS MULHERES ACABARAM SENDO DESESTIMULADAS OU PROIBIDAS DE ASSISTIREM AOS JOGOS DOS ESTÁDIOS.

NA ÉPOCA DE 1940/ QUANDO PASSAM A SER CRIADAS AS TORCIDAS ORGANIZADAS/ O PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO E A PAIXÃO PELO TIME DE CORAÇÃO PASSARAM A SER PEÇAS PRINCIPAIS NA IDENTIDADE DO TORCEDOR// O ESPORTE ERA UMA FORMA DE EXALTAR A MASCULINIDADE COM TODOS OS GESTOS/ VOCABULÁRIOS E RITUAIS DAS TORCIDAS//

DURANTE OS ANOS DOURADOS/ A PRESENÇA FEMININA AINDA ERA BEM MENOR/ MAS ALGUMAS MULHERES GANHARAM VISIBILIDADE POR POSSUÍREM O MESMO SENTIMENTO DE PAIXÃO PELA EQUIPE QUE ERA ENCONTRADO NOS HOMENS TORCEDORES.

MESMO COM A POPULARIDADE DE ALGUMAS TORCEDORAS/ NAS DÉCADAS SEGUINTE/ O AMBIENTE ESPORTIVO AINDA ERA PREDOMINANTE MASCULINO// ACREDITA-SE QUE NOS ANOS 80/ A DIMINUIÇÃO DA PRESENÇA FEMININA ERA AINDA MENOR POR CONTA

<p>Sobe som Vinheta</p>	<p>DO CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA QUE AS ORGANIZADAS PRATICAVAM//</p> <p>MAS HOJE/ O TERMO “FUTEBOL É COISA DE HOMEM” ESTÁ MUITO EMBAIXA//</p>
<p>BG Replay da esperana</p>	<p>PARA CONTINUAR CONHECENDO ALGUMAS MULHERES QUE FREQUENTAM E NOS REPRESENTAM PELOS ESTÁDIOS/ VAMOS CONHECER DUAS CRUZEIRENSES E SUAS HISTÓRIAS COM O CABULOSO//</p>
<p>Entrevista com torcedoras do Cruzeiro</p>	
<p>BG</p>	<p>UM LUGAR DE ALEGRIA/ EMOÇÃO/ QUE CAUSA FELICIDADE E ANSIEDADE// IR ASSISTIR À UMA PARTIDA DE FUTEBOL NO ESTÁDIO É COMO UMA FESTA/ MAS LÁ/ VOCÊ TORCE POR ALGUÉM//</p> <p>POR UTRO LADO/ A LUTA QUE TEMOS QUE FAZER PARA NOS LEGITIMAR COMO UMA VERDADEIRA TORCEDORA ACABA SENDO CANSATIVA/ ESTRESSANTE E MUITO ERRADA//</p> <p>UM HOMEM/ SE ELE VAI AO ESTÁDIO ELE SIMPLEMENTE FOI MAS/ POR QUE UMA MULHER É SEMPRE QUESTIONADA SOBRE/ VOCE CONHECE MESMO</p>

<p>Sobe som</p>	<p>AS REGRAS DE FUTEBOL/ VOCE TORCE MESMO PARA O TIME OU SO ACHA ALGUM JOGADOR BONITO?</p> <p>TEMOS QUE NOS IMPOR CADA VEZ MAIS PARA VOLTAR OCUPAR O ESPAÇO QUE SEMPRE FOI NOSSO: A ARQUIBANCADA//</p> <p>NÃO TENHA MEDO DE GOSTAR DE SABER OU DE NÃO SABER AS REGRAS OU A ESCALAÇÃO DO SEU TIME/ AMOR PELO CLUBE NÃO É SABER QUAL FOI O TIME TITULAR DA TEMPORADA DE MIL NOVECENTOS E BOLINHA//</p> <p>IR AO ESTÁDIO É CONVIVER COM PESSOAS QUE NÃO CONHECEMOS, MAS QUE TEMOS TUDO EM COMUM/ TEMOS UMA PAIXÃO UM INCENTIVO//</p> <p>LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER// NÃO PODEMOS DEIXAR DE FAZER O QUE GOSTAMOS OU O QUE QUEREMOS POR MEDO//</p> <p>VÁ AOS JOGOS// COMEMORE// ABRACE O DESCONHECIDO E FIQUE FELIZ COM A VITÓRIA DO SEU TIME//</p> <p>E É ISSO/ SEJA UMA TORCEDORA//</p> <p><i>“E, por isso, eu lhes digo que A primeira missa, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquine, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra: — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela.”</i></p> <p>Crônicas de Nelson Rodrigues: Futebol é paixão</p>
-----------------	--

TRANSCRIÇÕES E ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DO SEGUNDO EPISÓDIO – TORCEDORAS DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO.

ENTREVISTADA A: Petra

ENTREVISTADA B: Luciane

L: Luiza Boareto

B: Meu nome é Luciane, eu faço 49 anos agora, segunda feira que vem. Eu sou funcionária pública, eu tenho dois cargos na prefeitura de Belo Horizonte. Um eu atuo como professora de ciências e no outro cargo atuo como bióloga no controle de zoonoses.

A: Meu nome é Petra, tenho 24 anos e sou jornalista.

L: Que time você torce?

A: Pro Atlético Mineiro.

B: Eu torço pro Clube Atlético Mineiro, galo.

L: Pra você, o que é ser uma torcedora?

B: Ser torcedora

A: Olha, eu torço faz pouco tempo, na verdade, é, eu sempre fui atleticana por causa do meu pai e tal, mas eu comecei a ir ao estádio mesmo ano passado.

B: É viver as alegrias e as tristezas do time, num vou falar cornertar mas é, é tentar discutir o que que acha que está certo o que tá errado.

A: Ser torcedora é acompanhar um time e se identificar com alguma coisa, tipo uma equipe, um símbolo e fazer parte de uma comunidade de certa forma porque tem várias pessoas que convivem que dividem o mesmo gosto, o mesmo simbolismo com você.

L: E você torce pro Atlético por conta do seu pai então?

A: É, porque eu não morei aqui a vida inteira, eu sempre morei fora, o único time que eu conhecia era o Atlético. Eu morei no Sul, no Ceará, morei em vários lugares na verdade.

B: Olha eu lembro muito da minha mãe com o escudo do Atlético lá em casa e falando: “vocês tem que torcer pra esse time porque o meu irmão que morreu era atleticano”. O irmão dela, que morreu, e o trem ficou.

A: No geral é, eu não sei. Remete muito a minha infância, de quem eu sou, de como eu cresci. Acho que é uma relação de amor também, assim, é de pertencimento a algum lugar eu acho.

B: Sabe, meu pai, a família toda do meu pai é toda cruzeirense. No interior a maioria cruzeirense e a gente lá. Minha mãe não era aquela torcedora assim, ela falava e tudo e os outros irmão da minha mãe nem eram atleticanos eles eram americanos. Esse meu tio né, que eu nem conheci direito porque quando ele morreu eu tinha 2 anos de idade, eu convivi com os filhos dele e, na família dele, nos filhos dele, ele tem... são 7 filhos, ele tem filhos cruzeirenses, tem filhos atleticanos. E eu tenho certeza dessa questão de ser atleticana... eu lembro um episódio que aconteceu comigo eu tinha 13 anos. Tava nas vésperas o meu aniversário, e eu sempre falei sou atleticana e tal. E um dia, um dia ou dois antes do meu aniversário, era uma semifinal do campeonato brasileiro, do ano anterior ainda. Eu lembro que o Atlético perdeu de 2x1 pro Santos. No outro dia, eu acordei com febre, com um monte de coisa e... eu morava no interior e tinha um trabalhador e ele falou assim: “não acredito que você ficou doente por causa do jogo de ontem, por causa que seu time perdeu”.

A: Não, eu não gostava de futebol até pouco tempo atrás porque, apesar de ter isso na minha vida, me rondando, assim, eu sabia que meu pai é atleticano e eu meio que era. Eu nunca me interessei. Ai, quando eu me politizei, fiquei feminista, descobri o que é LGBTfobia, racismo e tal. Futebol é um lugar que concentra muito isso. Você pode xingar e ser ofensivo abertamente e ninguém vai te criticar, então, tinha um certo pé atrás muito grande com futebol. Aí, eu conheci muitas mulheres torcedoras, mulheres de esquerda, mulheres feministas. Daí eu fui me envolvendo com elas, e descobri uma maneira muito saudável e legal de torcer. Aí eu passei a

acompanhar. Então a minha relação com futebol é, eu não assisto outros times, então, na verdade, eu só assisto o meu. E eu acho um esporte muito massa, mas não é algo que eu sei as estatísticas que eu sei tudo que ta rolando também não.

L: Quando foi sua primeira vez no estádio? Você lembra como foi, com quem foi?

B: Eu lembro. Não foi uma experiência muito agradável não. Foi logo quando eu vim para BH, pra estudar, em 87, dezembro, semifinal da copa, não era copa do brasil, foi uma copa união, se eu não me engano.

A: A primeira vez foi quando eu morava no Ceará, Fortaleza, no Castelão. Final. Foi quando a gente ganhou a segunda divisão.

B: No dia anterior jogou Cruzeiro Internacional, Cruzeiro perdeu do Internacional. No outro dia, foi Atlético e Flamengo, aí o Atlético perde para o flamengo. O Renato Gaúcho, no Mineirão, faz assim óh, manda a torcida calar a boca. E eu tava lá. Eu tinha ido primeira vez com os meus primos e eu ainda tomei uma pedrada, aqui assim óh! Ainda ficou um galo.

A: Foi contra o Ceará, eu “tava” com meus pais, meu irmão e uma amiga minha.

B: Depois eu fiquei muitos e muitos anos sem ir. Aí depois, eu voltei, quase uns 10 anos depois que eu voltei no estádio. Talvez foi um pouco de medo. Quando meu pai era vivo, meu pai ficava: “cê tá doida? Estádio não é lugar de mulher ir não”.

PETRA A: Eu acho que estádio, eu digo pra algumas amigas minhas que vão pro assunto de futebol, que eu acho parecido com ir num show. Tipo assim, cê tá ali, é um momento de entretenimento, cê tá assistindo um espetáculo acontecendo, só que cê torce pra alguém. Então eu acho muito animado, eu acho que isso me atrai muito. Cê pega cerveja e fica falando besteira o dia inteiro. Eu acho ótimo.

LUCIANE B: Eu fui na final da Libertadores, aí eu fui sozinha porque a minha filha tava com o pai. E depois, no ano seguinte, um ano depois, eu fui com ela na final da Recopa. Fui eu, ela e minha sobrinha. Aí foi a primeira vez que ela foi pro estádio. É minha companhia. Eles não

faziam comigo eu faço com ela, eu levo. É uma companhia constante. Se ela fosse cruzeirense ela tava ferrada porque....

A: Eu fiz um TCC sobre futebol também né, a minha pesquisa é de 2012, ou seja, já é bem ultrapassada. E que, nessa pesquisa já dava que pelo menos 40% de cada torcida do Galo e do Atlético... (risos) do Galo e do Cruzeiro, eram de mulheres. Então, no pensar que teve todo esse avanço no feminismo, deve tá no pau a pau no gol então agora deve tá até mais.

B: Eu gosto do esporte, eu gosto do futebol, sabe? Hoje, eu fico muito receosa, principalmente quando eu fui levar a minha menina, minha sobrinha né, na final, que era primeira vez e tudo, e que tava muito cheio, eu fiquei com medo, mas foi tranquilo. Tem algumas vezes que eu fico assim meio temerosa, igual por exemplo: quando é clássico, se é 90% de torcida cruzeirense, e 10% de torcida atleticana, eu não vou. Quando é o contrário, 90 pro atlético, eu até vou, que eu fico mais segura.

A: Olha, eu não devo ter percebido, porque eu tive esse privilégio de começar a me envolver com futebol quando eu já tinha uma certa consciência, então eu nunca me envolvi com gente que fosse fazer esse tipo de coisa comigo. Em questão de machismo, eu acho que teve um dia que eu vi com outras mulheres, na verdade. Foi no mesmo dia com duas mulheres que tavam perto de mim, uma que era muito feminina, assim, ela gostava muito de futebol, mas ela vai de salto pro estádio. E aí os cara acha que pode ficar dando em cima dela, pode dar... sabe?

B: Olha, o machismo é muito pesado. Eu, que eu me lembre, eu nunca sofri com assédio, mas, é duro, você as vezes ter que escutar, né, o cara te explicar algo que cê já sabe.

A: E outra o cara que ficou insistindo, querendo que a menina ficasse com ele, ela não queria, ele não parava de encher o saco dela, e alguém teve que intervir, pra ele sair de perto.

B: Igual no último jogo, no Mineirão, ele falou assim: "não, cê pode ir em tal lugar" se nunca tivesse ido no estádio.

A: Eu acho que se eu sofresse algum assédio muito pesado talvez eu acho que afastaria. Ou se eu fosse LGBT talvez eu tivesse mais medo de ir.

B: Eu nunca sofri com assédio, mas eu tenho, se eu falar assim, como eu levo a minha filha, que eu não tenho medo que ela sofra, eu vo tá mentindo.

A: Então isso não faz sentido, a gente sempre torceu, sempre vai torcer. A gente sempre foi pro estádio, sempre vai pro estádio. Sempre teve seu lugar no estádio.

B: A grupaCAM tenta ne, muito, essa questão de trabalhar pra combater essa questão do machismo no futebol. Colocar que a mulher pode ir, que ela deve ir. E que, tendo outras pessoas, pode ser companhia.

A: Eu acho que os times tinham que levar mais a sério questões de gênero, classe, raça, tudo isso. O Cruzeiro tem um costume que é bacana, que é a gratuidade no estádio, no mês das mulheres, geralmente eles fazem isso muito.

B: Tem muita mulher que entende de futebol, e, né? Não é questão de ser maria chuteira. Porque tem muitos homens que vê a mulher no futebol só como um rosto bonitinho, ou então que é maria chuteira, que tá lá atrás de jogador ou tá atrás de homem, alguma coisa desse tipo.

A: Tem que se posicionar contra gritos tipo "Maria" que além de homofóbico é machista, eu considero/acho como se mulheres não soubessem jogar futebol. É, eu acho que teve alguns movimentos positivos, mas eu acho que falta, por exemplo: a meia entrada pra criança, ou a gratuidade pra criança ainda é muito difícil.

B: A prefeitura, desde 2008, ela tem uma parceria com os clubes de futebol de levar os alunos das escolas Municipais para o estádio. É um sorteio, é aleatório tem escolas que são sorteadas para o jogo do Cruzeiro, tem escolas que são sorteadas pro jogo do Atlético, tem escolas que são sorteadas pro jogo do América. Só que ela tava meio que desativada. Quando o Kalil assumiu, ele voltou com isso e o 1º clube que foi fechado foi o Atlético. Depois ai o pessoal começou a falar “acho que foi o Kalil, não sei o que”. Inclusive um primo meu que é cruzeirense falou: “Kalil tá dando ingressos pra vocês?” Ai eu falei “não, esta parceria da prefeitura com os clubes existe desde 2008. Ela estava parada, os clubes vão ter que se adequar de novo”. Então, por exemplo, quando foi 2017, a escola mesmo foi sorteada 1º no jogo do atlético. Vamos

embora. Depois no jogo do América. Foi no vôlei do Minas... Vamos embora né. E aí cada um vai levando. É que nem eu falo, tem quem levar no jogo do Cruzeiro? Arruma quem leva, porque eu não levo não. Não levo. Não levo de jeito nenhum, nem vou. Nem piso. Não piso. Eu tenho um colega atleticano que foi um dia no jogo do América não sei mais o que lá, ele foi, levou. Eu falei assim: nem jogo do América eu não vou. Igual, por exemplo, no dia que teve aquele amistoso de futebol feminino do Atlético e do América. Eu comprei os cupons do super, recortei, minha menina foi lá no shopping oia e trocou. Ai tinham os ingressos que as meninas da grupa tinham pedido e os ingressos da escola. Aí fui eu e a diretora da escola. Foram poucos alunos. Podia levar 30, mas muito não quiseram. E foi, a gente levou. Quem quiser ir vai. E no outro dia era o jogo do Atlético contra o Tupinambás, a gente levou também os meninos. Pra eles... assim eu lembro a 1ª vez que levei

elas tão assim não professora que sensação boa pisar no campo. E tem uma mãe que o filho ia aí ela: eu não posso gente, deixa eu ir junto, nunca fui eu quero ir. Pra muitos, é uma sensação única, é uma oportunidade única até porque, como eu trabalho na periferia, muitos não tem dinheiro pra ir então essa é a oportunidade que tem e vai. Eu morro de rir que eu chego na escola eles: oh, professora, aqui, que dia nós vamos voltar lá? Não sei, gente, não depende de mim não, depende do sorteio se escola for sorteada!

A: Eu acho que tem que ter mais coragem e não se importar com o que as pessoas vão falar. Não se preocupa e se alguém for te questionar se fala assim... ou se você sabe, ótimo, se você não sabe, não se importa, você não tem obrigação de saber sobre futebol você vai lá porque você quer, você tá pagando ingresso.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DO TERCEIRO EPISÓDIO – TORCEDORAS DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

ENTREVISTADA P1: Tacyanne Louise

ENTREVISTADA B: Priscila Reis dos Anjos

L: Luiza Boareto

P1 - Meu nome é Tacyanne, tenho 24 anos, e sou Jornalista e muito cruzeirense.

P2 - Bom, meu nome é Priscila Reis dos Anjos, tenho 30 anos e atualmente sou técnica de manufatura. Assim, é, eu tenho um pai né, que ele é atleticcano nato, nada a ver com o Cruzeiro né

P1 -É, minha família é cruzeirense, é aquela paixão que vem de berço igual a gente canta nas arquibancadas né, a paixão que vem de berço do canto do cruzeiro.

P2 - Mas desde pequena eu sempre fui influenciada por muitas pessoas que torciam pro Cruzeiro, e ele sempre querendo que eu fosse atleticana e tudo mais

P1 - E meu pai sempre foi de ir aos estádios, assim, quando eu era pequena, e meu voltava e eu ficava doida pra ir, só meu pai tinha um viés bem machista que ele não gostava muito de me levar nos estádios não. Ele levava meu irmão

P2 - Tenho uma madrinha de batismo que ela é cruzeirense, ela é cruzeirense doente e aí eu fui crescendo ao redor dela e ele querendo que eu fosse atleticana, me dizendo que me levaria pro campo de futebol pra ver o time dele jogar e tudo mais

P1 - Só que eu ficava vendo, assistindo jogo, as vezes eu ficava assim "será que eu vou ver meu pai na televisão?"

P2 - Como sempre tinha muitas pessoas cruzeirenses ao meu redor, a minha mãe também é cruzeirense. Por incrível que pareça né, não consegui ter essa paixão que ele tem pelo Atlético.

P1 - E aí passou um tempo e depois que eu cresci meu pai entendeu que eu gostava e aí meu pai começou a me levar no Mineirão.

P2 - Sempre priorizei, gostei muito da cor azul e aí vendo o pessoal torcer, vendo como é a situação do time, eu acabei gostando do cruzeiro, totalmente inverso do que ele sempre quis que fosse. Ele não gosta muito não né. Quando eu era pequena ele falava que ía me levar no estádio pra ver o cruzeiro jogar pra eu ver que não era aquilo tudo, pra eu ser atleticana. Pra como se diz né, ir pro time dele mas não deu muito certo não, porque, ele ficava falando que ele iria me levar no estádio, ia me levar no estádio e os anos foram passando e ele não me levou.

P1 - Quando você vai ao estádio, eu acho que a sua paixão ela ganha, sei lá, ela ganha alguns lances diferentes, é muito diferente você estar ali você está vendo seu time, você vivenciar, você chegar em casa gripada porque você perdeu a voz de tanto gritar de tanto torcer, você se frustrar, parece que o sentimento é diferente;

P2 - E aí acabou que eu fui por conta própria, quando eu fui por conta própria eu fui pra ver um jogo do Cruzeiro, aí eu me apaixonei ainda mais, Mineirão lotado, aquela coisa toda, aquela empolgação toda dos torcedores, inclusive o hino nacional tem uma parte que fala sobre o Cruzeiro, aí o Mineirão fica todo alvoroçado, aquilo aí fez a minha paixão crescer ainda mais.

P1 - parte da minha vida ser cruzeirense quando o Cruzeiro ganha, eu fico feliz. O Cruzeiro perde, eu também fico triste.

L – Quando foi a sua primeira vez no estádio, você lembra como foi? Com quem foi?

P1 - Olha, foi um jogo méquetrefi assim de campeonato mineiro. Foi Cruzeiro e Social, confesso que não me lembro o ano, sei lá, 2005, 2006 não lembro exatamente. O Cruzeiro ganhou de goleada, foi a primeira vez que eu fui no estádio, foi no jogo de campeonato mineiro, pequenininho.

P2 - Não tem muitos anos não, deve ter mais ou menos assim uns cinco anos atrás, sete anos atrás no máximo.

P1 - E foi tipo, a família toda que meu pai achava que era mais tranquilo levar num jogo assim meio com um time pequeno porque na cabeça dele era mais tranquilo sair com a família toda.

P2 - Fui com um grupo de amigos, dei uma louca né na verdade, tinha uma pessoa em comum dentro desse grupo que era vizinho vamos dizer assim né, amigo meu. Aí eu comentei que eu tinha vontade de ir ele "ah, a gente tá fechando uma van e tal, você tiver afim de ir lá pra ver"

P1 - Ir ao estádio pra mim, o Mineirão é como uma segunda casa, como uma casa sei lá, da minha avó, e aí agora que eu voltei pra BH, eu sou sócio torcedora, eu trabalho, pensei assim

"Não, agora vou pagar pra ser sócia e vou viver isso" então assim, esse ano por exemplo eu fui em quase todos os jogos, ano passado eu fui na final da copa do brasil.

P2 - Aí eu fui, foi até se eu não estiver enganada um Cruzeiro e São Paulo. Cruzeiro ganhou de 2x1 nesse dia, geralmente eu sou pé quente né, a maioria das vezes que eu vou ganha ou empata, é difícil de perder. Foi uma final de esses últimos jogos do campeonato brasileiro, final do ano, vamos dizer assim. Aí vi aquela situação toda, o Fábio como sempre brilhando, a torcida empolgadassa, que a gente não foi campeão no ano, mas foi um ano muito bom, com campanha boa, aí depois desse jogo adiante, toda oportunidade que eu tenho, eu vou.

P1 - Aquela ansiedade de jogo, fico nervosa também mesmo que o Mineirão pra mim seja uma coisa muito natural, toda vez que eu vou ao Mineirão eu tenho uma emoção diferente, uma sensação diferente.

P2 - É bom a gente ver jogo em casa e tudo, no bar né, tomando uma cerveja com os amigos, mas o fato de você estar dentro do estádio é muita adrenalina.

P1 - Eu volto pra casa com uma, mesmo quando é derrota, eu volto pra casa com a sensação de dever cumprido, que eu cumpri o meu papel como torcedora e eu to me dedicando a algo que amo, que é o meu time.

P2 - Porque é muita gente torcendo junto, então o calor humano, aquela situação de estar todo mundo apoiando, de estar todo mundo vivenciando aquele momento ali, pra ta ali se entregando, aquilo ai né, pra ver o time ganhar, pra empurrar o time.

P1 - Fazer parte daquilo, fazer parte do estádio também é uma coisa que me move. Eu gosto também muito de fazer esses experimentos sociais de ir ao estádio, de ficar analisando como as pessoas reagem, eu de ser, também, aquela pessoa que vai abraçar o desconhecido, de chegar e olhar a aquela mãe com o menino no colo e falar "é isso ai, eu vou fazer isso com o meu filho."

P2 - Eu que, chega até a ser bonito porque deixa ao estádio mais bonito. Cê vê ali uma família, cê vê criança, cê vê mulher junto, mulher com filho né, recém-nascido, vamos dizer assim de colo né, eu acho bacana. As primeiras vezes que eu fui no estádio, pessoal não e conhecia muito bem, então eu sofri até um pouco assim de, vamos dizer, preconceito né, porque aqui na minha

cidade o pessoal não, as mulheres não tem tanto costume de ir sempre, da forma que eu vou. Eu vou sempre que eu posso, então, o pessoal tava achando que eu era sapatão né, que eu era gay.

P1 - Quando eu criança meu pai não gostava por exemplo que eu jogasse bola com os meninos, o meu irmão achava super normal, achava super bacana e muita gente falava "Nossa, a sua filha tem talento que não sei o que", e meu pai não gostava de me ver jogar futebol com os meninos.

P2- O fato de uma mulher gostar de futebol, o fato dela gostar de ir ao estádio não está relacionado a ela ser menos mulher ou ela ser mais mulher.

P1 - Só que eu não era só a pessoa que jogava futebol, eu era a pessoa que consumia futebol, e depois de um tempo, ele viu que aquilo era algo natural, e ele entendeu que se não "Pera, é uma coisa que ela gosta", tanto que, quando eu era pequena eu perguntava pro meu pai sobre escalação, sobre jogo, e hoje quem pergunta é meu pai. Hoje é meu pai que pergunta pra mim, as vezes "ah, o Cruzeiro joga quando?", ou então as vezes até não só o jogo do cruzeiro, até jogo de time europeu e tal ele pergunta "ah, que time que vai ser, que time cê acha que vai ser campeão de tal torneio", ou sei lá, quando o Cristiano Ronaldo foi pra Juventus meu pai foi me perguntar que que eu achava, tipo assim, pô cê ta perguntando pra mim? Beleza então, vou te falar!

P2 - Inclusive o incentivar disso tudo foi meu pai, apesar dele ser atleticano, apesar dele sempre lutar pra que eu fosse atleticana, desde pequena ele me levava pra ver futebol, pra ver ele jogando pelada, esses jogos de final de ano, "Cruzeiro x Atlético", desde pequena ele me acordava cedo no domingo e ia me levar pro campo e eu ia, e acabou que essa paixão foi crescendo pelo Cruzeiro principalmente, e pelo futebol em si também.

P1 - Então assim, eu tive que infelizmente, é triste falar isso, mas eu tive que construir a minha própria autoridade dentro de casa pra eu poder falar "futebol", e hoje meu pai tem mó orgulho, hoje meu pai mostra foto pro pessoal da família, tipo assim " A lá, Tacyanne foi no jogo com Arthur", que o Arthur é o meu irmão, ou então as vezes a gente sei lá viaja que a gente não mora perto né, a gente viaja, meu pai fala assim "Ah não, os meninos estavam no jogo, eles sabem como é que é, que não sei o que, e tal", ele lia, pergunta como que foi o jogo e assim, é um

pouco complicado eu ter tido que construir essa autoridade mas hoje, pra mim é uma coisa super natural.

P2 - Quando o time incentiva isso, eu acho que isso fica muito bacana, acho que isso deveria ser um pouco mais aproveitado e o pessoal deixar de lado essa história de que "ah, lugar de mulher é no fogão, lugar de mulher é dentro de casa, que ela não pode ir pro estádio ver um futebol, ela não pode entender do assunto", não tem nada a ver.

P1 - Eu me sinto incomodada, por exemplo, pelo fato que de tipo assim em alguns setores, principalmente o da organizada é muito mais comum ver homem, mas eu acho que isso é uma coisa natural que é fruto da sociedade machista, e as vezes algumas mulheres são vistas meio tipo assim, com o olho meio torto, com o homem, que as vezes a mulher dá um xingo, a mulher as vezes faz um comentário. Eu já vi, por exemplo, do meu lado uma mulher fazer um comentário e o cara falar "pufff ... não sabe nada".

P2 - O incentivo do time é fundamental porque tem muita mulher torcedora que não vai pro estádio porque ela tem receio que vai acontecer uma briga, que vai acontecer alguma coisa, e hoje em dia não é dessa forma.

P1 - E assim eu nunca sofri, mas eu tenho certeza que já comentaram algo de mim, de tipo assim, porque eu sou uma pessoa que assiste o jogo e que comenta muito o jogo com o meu irmão. Sou uma pessoa que toda, se acontece uma jogada falo "nossa, não devia ter feito isso", e meu irmão tá lá, comentando comigo, e isso é normal, que as pessoas julguem, que os homens julguem, mas eu tento não me abalar com isso embora seja muito difícil.

P2 - A torcida prioriza o espetáculo, porque que eu to falando isso, porque hoje em dia existe punição pra quem vai ao estádio pra brigar, pra caçar confusão, então se o cara foi pro estádio e é de uma organizada (11:17 não entendi), e ele briga, a primeira coisa que essa organizada vai fazer é correr atrás pra ver se consegue identificar esse torcedor, e esse torcedor é expulso da organizada e ele é proibido de ir ao estádio durante um tempo, e nenhum torcedor quer isso, nenhum torcedor quer ser proibido de ir ao estádio, de ser expulso de uma torcida ou coisas do tipo. Quem gosta não quer que isso aconteça.

P1- Porque antigamente mulher não podia nem jogar futebol, né, pra começar, Se ela não podia jogar, se ela não pode torcer ela tem que ficar em casa, sei lá, cuidando do filho, que aquilo é a ideia que você tem da mulher e se as pessoas elas pensam assim, elas tem que mudar é agora, eu sei que não vão mudar, eu sei que é uma coisa que a gente vai ter que construir e que eu, como mulher, eu preciso me impor.

P2 - Mas um incentivo maior que eu acho que o Cruzeiro até tava fazendo há um tempo atrás, é de levar família, levar mulher, acho que aconteceram algumas campanhas de ingresso pra mulher e ingresso pra família, eu acho que isso deveria continuar não somente isso mas criar uma cultura da família ir pro estádio, da mulher poder ir pro estádio.

P1 - Eu preciso ser a mulher que vai lá, que grita, que se um homem esbarra em mim num estádio eu falo "pô", eu olho torto. Se o cara joga cerveja em mim, eu brigo com ele, eu falo mesmo, falo "ou, que isso cara", eu falo sim porque se isso não acontecer, isso vai ser uma coisa normal, eu não acho legal por exemplo, se você está para entrar no estádio e as pessoas re empurram, eu não acho isso legal, eu falo "ah, mas isso é futebol", não, isso não é futebol, isso é ser civilizado. Você não precisa, só porque você está no estádio, você precisa ser um ogro. "Ah não, mas é porque aqui não é lugar de mulher", não, você não precisa ser educado só porque eu sou mulher, você precisa ser educado e você precisa entender que qualquer lugar é lugar de homem e lugar de mulher, e se a mulher está lá, é porque como se diz né, é porque eu mereci se eu estou lá, eu paguei o meu ingresso da mesma forma que você pagou o seu.

P2- Eu acho que se o time, se o Cruzeiro Esporte Clube realmente incentivasse um pouco mais e tivesse mais campanhas culturais, e tivesse outras pessoas compreenderem a importância da família torcendo pro time, eu acho que isso seria muito melhor e ia crescer cada vez mais a questão das mulheres quererem ir e elas e elas irem né, sem medo, sem receio.

P1 - Olha, eu acho que o medo de ir ao estádio é uma coisa que foi construído para a gente não ir, Eu sei que o que a gente vê, as vezes a gente vê briga, a gente vê coisas horríveis, falarem que "ah, as repórteres são xingadas", eu já vi repórter ser xingada no estádio, isso me incomoda pra caramba.

P2 - Um grande exemplo é essa amiga minha que foi ano passado, no clássico. Ela tava com receio, ela estava com medo, aí gente foi né, o pessoal foi super, super respeitoso com ela por ela estar indo a primeira vez e tudo, sem pressão, não teve nenhuma situação constrangedora. Eu acho que não é uma questão de enfrentar o medo, é uma questão de vencer a barreira de que é complicado ir pra um estádio com uma mulher, não é, uma mulher dentro do estádio ela é respeitada, sem problema nenhum, as pessoas vão mesmo pra ver o futebol, não tem essa questão de assédio, não tem nada disso.

P1- Se a gente fizer com que o medo deixe a gente fazer as coisas, a gente nunca vai ter o nosso lugar. A gente tem que ir de frente, vai com os dois pés, faz igual o Adilson Batista, vai de voadora sabe? Faz o que você tem que fazer, se você acha que você tem que ir ao estádio, se você sente bem em ir ao estádio, você vai.

P2 - Tem que ir pra saber como que funciona, pra saber como que é.

P1 - Eu tenho uma amiga que tinha medo de ir ao estádio porque as pessoas, até mesmo a própria família, contavam pra ela que o estádio era um lugar ruim. Então assim, sabe, conversa com alguma amiga sua, fala assim "Nossa, vamos no estádio. Vamos juntar um grupo" sabe, não precisa as vezes, nem necessariamente, a pessoa torcer pro mesmo time que você torce. Você pode ir pra curtir o futebol, pra curtir aquela paixão, curtir aquele movimento. Eu tenho um certo receio de ir ao estádio as vezes, dependendo dos jogos, porque assim, é um lugar hostil, infelizmente ainda é lugar hostil, mas se eu não tiver aquela coragem, se eu não colocar o amor pelo meu time, a vontade de estar lá em primeiro lugar, eu também nunca vou fazer.

P2 - Só quem vai no estádio pra saber mesmo assim, pra conseguir realmente sentir. É uma adrenalina, é uma emoção muito grande que eu acho que qualquer um que vai a primeira vez, sempre vai querer ir.

P1 - E eu acho que nada proporciona o que eu sinto dentro do estádio em outro lugar, eu não tenho essa sensação.

ENTREVISTA COM LEDA MARIA DA COSTA

Primeiro, poderia começar se apresentando: nome, profissão, o que faz, um pouco da sua história, se torce para algum time de futebol, quem te influenciou a torcer ou o porquê torce para ele...

Antes de tudo sou Vascaína. Assim me defino. Pelo e com o Vasco, guio minha vida, elaboro meu calendário, vivo tristezas e alegrias. Mas acima de tudo, experimento o amor.

Há uma série de motivos que me faz torcer pelo Vasco que vão desde influência familiar até mesmo identificação cotidiana. Não saberia dar um único motivo.

Agora posso dizer meu nome: Leda Maria da Costa. Atualmente sou professora visitante da Faculdade de Comunicação da UERJ e Pesquisadora do LEME, Laboratórios de Estudos em Mídia e Esporte – da UERJ.

Se você costuma ou costumava frequentar estádios, qual sensação sente quando está em um jogo de futebol...

Comecei a frequentar estádios tardiamente. Deixei de ver presencialmente muitos momentos de conquista do Vasco. Mas ainda bem que existe televisão. As sensações de quando estou num jogo dependem do tipo de jogo e do estádio. Quando é jogo do Vasco é uma sensação de pertencimento e identificação difícil de igualar.

Gosto muito de frequentar estádios – sobretudo os alternativos - e sonho em conhecer o maior número de possível de estádios Brasil e mundo afora. Para mim estádios são espaços de memória que dialogam com a cidade, sendo fundamentais para a conformação de uma espécie de paisagem afetiva.

Se você já enfrentou dificuldades por ser mulher, ir ao estádio e amar futebol.

Sim. Ser mulher pode dificultar um pouco nosso trânsito livre pelas cidades, sobretudo, em horários tardios. E, sobretudo, em espaços que costumam ser associados à masculinidade como é o caso dos estádios. Já fui assediada em um estádio. E em estádios me perturba muito o ambiente machista que o envolve. Os estádios são lugares que amo, mas que também me provocam muito mal-estar, tamanha a atmosfera preconceituosa que se faz presente no cântico das torcidas, na conversa das pessoas ao redor etc.

Por que decidiu pesquisar, estudar, sobre futebol e torcidas. Contar qual a importância em debater sobre mulher como torcedora e frequentadora de estádio, porque devemos

discutir esse assunto. Algo pode ser feito para diminuir o machismo, para mudar a forma como as mulheres torcedoras são vistas?

Decidi pesquisar futebol porque amo esse esporte e porque entendo que se trata de um fenômeno cultura que pode ser importante para refletirmos sobre diversos aspectos da sociedade. Especificamente no caso das mulheres, o futebol pode ser veículo para se traçar sua história, suas lutas, dificuldades e conquistas que não são exclusivas desse esporte, mas dialogam diretamente com o processo de inserção das mulheres no espaço público, assim como na conformação de novos papéis, papéis menos opressores.

O futebol historicamente foi chamado de um esporte “feito para machos”. Pesquisar e mostrar a presença das mulheres em diversas dimensões desse esporte é uma forma de desnaturalizar preconceitos e assim ajudar a enfraquecê-los. Grande parte desses preconceitos vincula-se ao machismo que por sua vez vincula-se com a homofobia. Feminizar o adversário é uma tática comum às torcidas para ofender. Precisamos reconhecer como o machismo é algo muito presente nos estádios, o que faz desse local um espaço opressor não somente para as mulheres, mas para toda identidade considerada desviante de uma masculinidade padrão.

O que você acha sobre a “divisão” entre marias-chuteiras e “torcedoras comuns? Por que uma mulher tem que provar que entende de futebol para se legitimar como uma verdadeira torcedora?

Os homens são desde pequenos associados ao futebol, no Brasil. Os homens podem ter sua sociabilidade vinculada ao futebol. Esse fenômeno ainda é recente para as mulheres que frequentemente são vistas ora como esposas de jogadores ora como marias-chuteiras.

Movimentos como Mulheres de Arquibancada, entre tantos outros, estão aí para mostrar que as mulheres também torcem e entendem de futebol. Não acredito muito na hipótese de que existam “verdadeiras” torcedoras, mas entendo que o campo do torcer é um campo de embates e de lutas por legitimação de ideais de autenticidade. Isso também ocorre com os homens, mas de outro modo. No caso das mulheres, o simples fato de ser mulher provoca dúvidas. Daí a necessidade de uma luta ainda maior por legitimação.